

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

Paola Crístiely Amaral da Silva

**A SITUAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA POLÍTICA BRASILEIRA E OS
DESAFIOS ENFRENTADOS: reflexões a partir dos relatos de vereadoras do
município de Porto Alegre e suas trajetórias.**

PORTO ALEGRE

2023

Paola Cristiely Amaral da Silva

**A SITUAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA POLÍTICA BRASILEIRA E OS
DESAFIOS ENFRENTADOS: reflexões a partir dos relatos de vereadoras do
município de Porto Alegre e suas trajetórias.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração Pública e Social.

Orientadora: Ana Mercedes Sarria Icaza

Porto Alegre

2023

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras eleitas em 2020 para compor a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, sendo elas Bruna Rodrigues, Daiana Santos, Karen Santos e Laura Sito, fazendo parte de um grande marco na história da cidade e do Estado, a partir do momento em que as representações se tornam diversas ultrapassando as linhas do conservadorismo que assombra essa cidade intensamente segregada. Procura-se analisar em especial no que tange às agressões de gênero e raça sofridas por essas mulheres negras na ocupação da vereança e como essas parlamentares lidam com isso. É nítida a lenta inserção das mulheres negras na política e procura-se compreender como isso vem se modificando, mesmo com um intenso e longo caminho a percorrer. Com cunho qualitativo e uma metodologia contendo vastas referências bibliográficas, entrevistas disponíveis na íntegra, matérias onde através destas procura-se analisar o máximo de relatos explanados pelas vereadoras referente ao tema apresentado. E foi a partir destes relatos que foi possível chegar a conclusão de que ao compreender esta baixa representação e participação de mulheres negras na política, conclui-se também que as questões de gênero e raça são fortes contribuintes para esta problemática.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras; raça; gênero; política; participação, representação.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the main difficulties faced by black women elected in 2020 to compose the Porto Alegre City Council, namely Bruna Rodrigues, Daiana Santos, Karen Santos and Laura Sito, being part of a great milestone in the history of the city and of the State, from the moment that representations become diverse, going beyond the lines of conservatism that haunts this intensely segregated city. It seeks to analyze in particular with regard to the gender and racial aggressions suffered by these black women in the occupation of council and how these parliamentarians deal with it. The slow insertion of black women in politics is clear and we seek to understand how this has been changing, even with an intense and long way to go. With a qualitative nature and a methodology containing vast bibliographical references, interviews available in full, articles where through these we seek to analyze the maximum number of reports explained by the councilors regarding the theme presented. And it was from these reports that it was possible to reach the conclusion that by understanding this low representation and participation of black women in politics, it is also concluded that gender and race issues are strong contributors to this problem.

KEYWORDS: Black women; race; gender; policy; participation, representation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Entrevistas analisadas.....	18
QUADRO 2 - Técnicas de pesquisa.....	20
QUADRO 3 - Movimentos sociais x inserção na política.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2. Mulheres negras na política: a luta por ampliação da representação e a mudança das condições que restringem sua participação.....	14
2.1. Um ponto de partida: as contribuições do feminismo negro para entender a relação entre sub-representação e condição da mulher negra.....	14
2.2. A realidade das mulheres negras no Brasil e a importância do movimento feminista para o processo de mudança dessa realidade.....	18
2.3 Gênero e raça na política no Brasil: sub-representação das mulheres negras e caminhos para a mudança.....	20
3 METODOLOGIA.....	23
4. A baixa representatividade das mulheres negras na política: um breve contexto das mulheres negras na política no Rio Grande do Sul.....	26
4.1 Mulheres negras na política: Os dados da cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana.....	26
4.2. A Câmara Municipal de Porto Alegre, a representação feminina e a situação das vereadoras negras.....	28
5. Análise: Trajetórias e experiências das vereadoras negras em Porto Alegre.....	31
5.1. De onde elas vêm? Uma breve apresentação.....	32
5.1.1. Bruna Rodrigues (PCdoB).....	33
5.1.2. Laura Sito(PT).....	33
5.1.3. Karen Santos (PSOL).....	33
5.1.4. Daiana Santos (PCdoB).....	33

5.2. Os caminhos até a entrada na política: organizações chaves e a relação com os movimentos sociais.....	34
5.3. A experiência como vereadora mulher e negra: que elementos destacam? (Como se vivem as violências de raça e gênero).....	37
5.4. Perspectivas: mudanças institucionais.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7 REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE 1 – IMAGENS/ FOTOS.....	52

1 Introdução

A presente pesquisa faz parte de minha trajetória enquanto mulher negra, acadêmica, graduanda de um curso que nos conscientiza sobre a importância da política como um dos meios mais importantes de representação, liderança e combate às desigualdades. A partir desse pensamento, foi possível em minha trajetória acadêmica notar a falta de representantes semelhantes, que entendam e acolham nossas pautas.

Diante desse contexto, discorro o presente trabalho sobre a importância de mulheres negras em cargos institucionais e a importância da identificação com quem está ocupando cargos de liderança. A participação das mulheres na política no Brasil sofre uma intensa escassez: segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2019 apenas 15% dos membros da Câmara Federal eram do gênero feminino, sendo 12% a porcentagem representativa no Senado. Ainda conforme essa pesquisa (IBGE, 2019), houve 900 municípios por todo o Brasil nos quais não foram eleitas nenhuma mulher como vereadora. Considerando que o país possui um total de 5.568 municípios. Este número demonstra a imensa desigualdade desestrutural; no entanto, os dados já são melhores do que em décadas anteriores, mas ainda estão escancarando uma realidade que precisa ser mudada.

Quando a análise é feita a partir da representação das mulheres negras na política, a representação se torna ainda mais escassa. Conforme o Movimento Mulheres Negras, em 2016, o número de eleitas para os cargos de vereadoras e prefeitas não chegou a 5% e em comparação a 2020, houve um crescimento de 1,4 ponto percentual no número de candidatas negras¹. E mesmo que ainda haja muito caminho a percorrer, já podemos considerar que se segue pelo caminho certo.

As mulheres negras compõem cerca de 27,8% da população brasileira, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE (2020) e mesmo dessa forma possuem baixa representatividade na política. Ou seja, são, conforme a cofundadora e coordenadora do Movimento Mulheres Negras Decidem, Diana Santos “o maior grupo demográfico do país e, conseqüentemente, a maior força eleitoral” (2020). Assim, as mulheres negras são um grupo demográfico significativo, porém têm uma baixíssima presença na política, sendo apenas 2% do Congresso Nacional e menos de 1% na Câmara dos Deputados, de acordo com pesquisa realizada no Congresso Nacional em 2020, nas 27 assembleias legislativas do País.

¹ Negras são 28% dos brasileiros, mas têm baixa participação política. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/eleicoes-2020/noticia/2020-10/negras-sao-28-dos-brasileiros-mas-tem-baixa-participacao-politica>> Acesso em: 25/02/2023

Ainda, conforme o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) e da União Interparlamentar, entre 193 países pesquisados, o Brasil ocupa a 140ª posição no ranking de representatividade feminina no legislativo (2020). Assim, vemos que há uma imensa barreira em relação à inserção da mulher negra na política e nos espaços de poder institucional. Com isso, seguimos com um modelo político que concentra os mesmos padrões de eleitos: homens brancos e de alta classe social econômica, que não representam a sociedade brasileira em si. Também é viável destacar que as principais causas dessa situação são o machismo e o racismo. A baixa participação das mulheres negras na política é um fenômeno que tem raízes mais profundas, estruturais, referente à condição desse grupo social no Brasil. Segundo o Atlas da Violência “66% das mulheres assassinadas no país no período foram mulheres negras” (2021). Além disso, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza, de acordo com a última Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2020). Esses dados evidenciam que há assim, uma constante luta pela sobrevivência até chegar à ocupação de cargos de liderança. Ainda, há desafios complexos a serem enfrentados, pois mesmo quando se é garantida a vida e superada a miséria, essas mulheres ainda recebem menos da metade do salário de homens brancos e mulheres brancas no Brasil. Com isso, a maior participação das mulheres negras na política é de fato essencial. Entende-se por essencial à medida que esta ocupação se torna um processo de reparação histórica, possibilitando o desenvolvimento da democracia, representatividade e pluralidade nos espaços de tomadas de decisões.

Podemos observar que a participação de mulheres na política no geral está crescendo mesmo que ainda haja um longo caminho a percorrer, e, quando se trata das mulheres negras, também há um crescimento simbólico. Embora as lutas e enfrentamento da violência sejam algo desgastante, há mulheres negras que vieram para ocupar a política e representar seus semelhantes com sua força, inteligência e capacidade de fazer uma nova política pública. Mulheres na maioria das vezes inspirada pela ex vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Segundo Renata Souza, deputada estadual no Rio de Janeiro e ex-chefe de gabinete de Marielle Franco:

"Somos ameaça a um poder estabelecido, a uma lógica que utiliza como método o medo, o ódio. Tentar inviabilizar nosso crescimento político é uma tentativa de exclusão política das mulheres negras” (SOUZA, 2020).

Renata Souza relata que desde a sua eleição, em 2018, convive com toda uma variedade de ameaças e intimidações na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em que é uma das quatro

mulheres pretas eleitas e contextualiza que a violência de gênero política é pública. Enfatiza que todo mundo vê, porque são práticas diárias (2020).

O episódio de execução de Marielle Franco foi o ápice da violência política de gênero e raça, uma perda lamentável. Ao mesmo tempo que surgiu um sentimento de desestabilização nas aos grupos pelos quais Marielle representa, enquanto mulher negra, lésbica e de origem periférica, logo esse sentimento se transformou em luta coletiva por justiça e contribuiu para que outras mulheres negras viessem depois dela ao cenário político.

“A cada ameaça eu lembro porque estou neste lugar. Eu estou fazendo para que outras não tenham medo. Não sou uma super-heroína, sou de carne e osso e não tenho peitos de aço. Tenho que tomar cuidados, e tomo. Mas efetivamente eu preciso lembrar todo dia do sentido de estar aqui, e é importante porque nós, mulheres negras, fazemos diferença na política” (SOUZA, 2020).

Alguns partidos políticos têm tido maior presença de mulheres negras em cargos eletivos. Em 2020, segundo o Elas por Elas em conjunto com a Secretaria Nacional de Mulheres do PT, o partido elegeu 226 vereadoras negras em todo o país e o Rio Grande do Sul lidera esse desempenho com 96 vereadoras eleitas, seguido da Bahia, com 60. Esse fenômeno se soma também ao aumento da participação de mulheres do PT nas Câmaras Municipais em todo país. Importante ressaltar também que Curitiba elegeu a primeira vereadora negra da história da cidade, com 8.407 votos (Agência Senado, 2020). Carol Dartora, também do PT, publicou nas redes sociais:

“Elegemos a primeira vereadora negra em Curitiba, uma cidade que rejeita sua negritude e que agora irá escurecer sua Câmara!” (DARTORA, 2020).

Além do PT, o PSOL também acabou elegendo um número significativo de vereadoras negras, como Camila Valadão, em Vitória – ES, Livia Duarte, em Belém, Dani Portela, em Recife – PE, entre outras (iG delas, 2020). Em Porto Alegre-RS, as eleições de 2020 trouxeram um novo perfil para sua Câmara de Vereadores: se elegeram mais mulheres e mais negros do que em 2016. Para começar, dos 36 vereadores eleitos em 2016, apenas quatro eram mulheres².

² Nádia Rodrigues Silveira Gerhard (comandante Nádia, PP), Mônica Leal (PP), Sofia Cavedon (PT) e Fernanda Melchionna (PSOL). Disponível em <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/elei%C3%A7%C3%B5es/elei%C3%A7%C3%A3o-coloca-mais-mulheres-e-negros-na-c%C3%A2mara-de-vereadores-de-porto-alegre-1.521622>> Acesso em: 25/02/2023

As maiores bancadas foram eleitas pelo Psol, PT e PSDB, com quatro vereadores para cada um dos partidos. Houve um considerável aumento em relação as pessoas negras em Porto Alegre, em que dos 36 vereadores eleitos, cinco são negros, sendo quatro mulheres, também refletindo na faixa etária. Um outro dado importante de se mencionar, é que esta é a segunda vez que uma mulher negra é eleita vereadora no município. A primeira foi em 1996, quando tivemos Teresa Franco, filiada ao PTB e natural de Rio Pardo, a qual ficou conhecida como “’nega diaba” e, até 2019, foi a única mulher negra para um mandato na Câmara de Vereadores, com exceção de suplências, como Karen Santos (PSOL) que em 2019 foi empossada, após a titular do mandato, Fernanda Melchionna (PSOL), ter sido eleita para a Câmara Federal.

Após as eleições de outubro de 2020, a Câmara dos Vereadores de Porto Alegre se tornou mais diversa — ainda que não o suficiente para deixar o local igualitário. Pela primeira vez, o município elegeu cinco parlamentares negros, dentre eles quatro mulheres: Karen Santos (PSOL), Laura Sito (PT), Bruna Rodrigues (PCdoB) e Daiana Santos (PCdoB). Uma delas líder de bancada: Bruna Rodrigues. As declarações públicas das vereadoras apontam os principais problemas enfrentados, mas é necessário aprofundar a forma como isso acontece. Por exemplo, como são percebidos e trabalhados os desafios e problemas pelas quais elas enfrentam diariamente, bem como que forma as organizações às quais elas pertencem e os espaços institucionais em que elas atuam desenvolvem ações, políticas ou mecanismos, para sua superação.

Assim, o trabalho busca responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres negras que assumiram a vereança no Legislativo Municipal de Porto Alegre, a partir de 2020? Como o racismo e a violência de gênero se manifestam nesse contexto? O objetivo geral desta pesquisa é de analisar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras eleitas em 2020 para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, identificando como o racismo e a violência de gênero se manifestam nesse contexto e quais percursos que possibilitaram avançar nos espaços de representação deste grupo social. Já os objetivos específicos são os seguintes:

1. Descrever o histórico e os dados atuais da presença de mulheres e de mulheres negras na política no Brasil, em particular no município de Porto Alegre (ou região metropolitana).
2. Compreender os caminhos percorridos pelas vereadoras negras eleitas, identificando os elementos que possibilitaram que elas cheguem aos espaços de representação no município.
3. Analisar como ocorrem violências de raça e gênero no exercício do mandato das vereadoras.

4. Verificar se após a posse houve alguma mudança institucional ou novas políticas públicas de combate à violência de raça e gênero no Município de Porto Alegre.

O trabalho tem como foco as mulheres negras inseridas na política, caminhos percorridos para chegar no meio institucional, dificuldades enfrentadas antes e durante; é nítido que mesmo ao ocupar esses espaços, onde podem ser líderes e representar as minorias, ocorre uma violência forte ao que remete gênero e raça, pois ainda partimos de um modelo democrático fechado, tradicionalista e “conservador”, onde o que veem como diferente, ou seja, não-branco, passa a ser subestimado e muitas vezes tendo suas demandas ridicularizadas.

O estudo se concentra nos resultados das eleições de 2020, onde quatro mulheres negras foram eleitas vereadoras na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Boa parte dessas mulheres foram eleitas em 2022 para deputadas na esfera estadual e federal, mas o foco do estudo está na experiência dos dois anos de mandato no município.

Uma questão que nos interessa é identificar como organizações e movimentos sociais têm influenciado a participação dessas mulheres na política, pois entendemos que estas, de fato, jogam um papel importante no processo de mudança do cenário de sub-representação das mulheres negras. Trabalhamos com uma metodologia qualitativa, tomando como base os relatos das vereadoras eleitas em diversos meios de comunicação, pois entendemos que adentrando na dinâmica das suas experiências e percepções que é possível entender as dificuldades por elas enfrentadas e os desafios colocados para avançar na representação das mulheres negras na política. Esta pesquisa se justifica pelo fato de ser necessário abordar assuntos e lutas que sempre foram invisibilizadas. Há alguns conteúdos nas mídias que tentam contextualizar de modo simples ou até mesmo vago a luta de gênero das mulheres, dando ênfase ao esforço dessas mulheres para ocupar espaços e inclusive, segundo o Jornal da Universidade, a UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – aparece como destaque em nível nacional em pesquisas sobre gênero.

Entretanto, ao que remete às necessidades das mulheres negras, como a luta diária racial, de classe e de gênero precisa continuar sendo regadas, até que se tenha material suficiente contribuindo para esta questão fundamental sobre a qual este trabalho visa dar sua contribuição.

É necessário a representação das mulheres negras para que haja políticas públicas voltadas às suas demandas e necessidades. O trabalho está dividido do seguinte modo: além desta introdução, estrutura-se em mais quatro capítulos e, por fim, as considerações finais. O capítulo 2, que segue após a introdução, apresenta e desenvolve as referências teóricas que orientaram a pesquisa. No capítulo 3 procura-se apresentar a metodologia e como o estudo pretende desenvolver esta pesquisa. No Capítulo 4, analiso a importância dos movimentos sociais no Rio

Grande do Sul e como foi se desenvolvendo as lutas e as políticas para que mulheres negras ocupassem os atuais cargos políticos, por fim, o capítulo 5 procura analisar as entrevistas e relatos das vereadoras eleitas em 2020 em Porto Alegre, realizados na íntegra, até chegarmos às considerações finais.

2. Mulheres negras na política: a luta por ampliação da representação e a mudança das condições que restringem sua participação.

A baixa representação e inclusão de mulheres negras na política, e na sociedade em geral, é evidente no cenário nacional e internacional, problemática esta que decorre do racismo e da violência de gênero sofrida por essas mulheres no decorrer de suas vidas, batalhas externas e internas que causavam uma sensação de impotência, como se não fosse possível mudar suas realidades. Os feminismos, nas suas mais diversas vertentes, têm sido fundamentais para evidenciar a exclusão das mulheres na política e para pautar as mudanças necessárias para sua maior presença e participação. Nesse processo, o feminismo negro vem ganhando notoriedade e força nos últimos anos, destacando a categoria raça como um elemento fundamental para entender e transformar a condição da mulher negra na sociedade, questão que não pode deixar de ser tratada quando se fala em sub-representação política. É assim que neste capítulo começamos abordando a contribuição de diversas autoras e ativistas que, desde o feminismo negro, trazem elementos importantes, especialmente a partir da interseccionalidade, um conceito chave que está, de diversas formas, nas discussões cotidianas sobre a mulher negra na atualidade. Abordaremos autoras dos Estados Unidos, como Kimberlé Krenshaw, Bell Hooks, Patricia Hills Collins, Angela Davis e também do Brasil, como Lelia Gonçalves, Sueli Carneiro e pesquisadoras jovens como Dayane N. Conceição de Assis. Elas nos permitem entender com profundidade como se dá o início das lutas, a autoafirmação, o desmascarar da supremacia branca, até que por fim, possamos entender como se materializa essas lutas, como a mulher negra cria mais e mais forças para sair da marginalização e ter sua voz ouvida a ponto de poder ser representante e representada. No segundo ponto do capítulo, abordamos os principais elementos trazidos pelos estudos sobre a problemática específica da sub-representação das mulheres negras na política no Brasil e o que vem sendo desenvolvido para a mudança dessa realidade.

2.1 Um ponto de partida: as contribuições do feminismo negro para entender a relação entre sub-representação e condição da mulher negra.

Como dito anteriormente, o feminismo negro traz uma contribuição importante quando coloca em destaque que as lutas feministas pelos direitos das mulheres, precisavam também ser lidas à luz da categoria raça, explicitando diversas formas de racismo, sem a qual não é possível entender a condição das mulheres negras. Neste sentido, Patrícia Hills Collins (2016), em seu clássico texto sobre “outsider within”, desvenda os lugares frequentados pelas mulheres afro-americanas, mostrando como sua trajetória é marcada por períodos de total subordinação e precariedade em seu modo de vida, onde deixavam de cuidar de suas famílias (ou até mesmo eram tiradas definitivamente de suas famílias) e passavam maiores partes de suas vidas nas casas de famílias brancas, cozinhando, limpando e cuidando das crianças, sendo retratadas como “mãe preta”, entre outras formas de total limitação e nenhum controle de suas próprias vidas, fatos que já ouvimos falar bastante. E é ao analisar esse modo de vida, que as mulheres pretas passam a ir além em suas constatações, o poder branco passa a ser desmistificado, pois como é retratado no texto de Collins (2016 p.99), se dão conta de que o que alimentava a supremacia branca não tinha relação com maior inteligência, ou alguma outra coisa, e sim, somente com o racismo. Como consequência desta confirmação começa a surgir um intenso sentimento de mudança, onde inúmeras condições que eram/são colocadas passam a ser questionadas. E a mulher negra passa a entender que suas demandas se distanciam dos demais grupos. Assim, entramos na questão do feminismo e quando se trata da mulher negra, é necessário que saibamos que o gênero não é o único eixo de opressão.

Surge, então, diversos movimentos feministas negro, onde se torna importante contextualizar que as lutas das mulheres brancas perante as lutas das mulheres negras sofriam uma forte separação, pois as necessidades das mulheres pretas divergiam das necessidades das mulheres brancas, justamente por não incluir como deveria o fator raça e o quanto isso condiciona a uma opressão três vezes maior. Por essa razão, um movimento específico para tratar dessas questões perante a sociedade e acabar com a invisibilização das pautas que surgem junto com a movimentação das mulheres negras, ou sendo mais objetiva: acabar com a invisibilização da própria mulher negra.

“É sempre importante ressaltar que embora o fato de se viver a vida como mulher negra possa produzir certas visões compartilhadas, a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas individuais de mulheres negras têm resultado em diferentes expressões desses temas comuns.” (Collins, 2016, p.102).

Ainda em seu texto, Collins (2016) traz como um dos elementos chaves do feminismo negro a questão da cultura, segundo a autora, somente através da mesma conseguimos ver os fatores que compõem essas opressões de classe, raça e gênero. Assim, é entendido que não existe de fato uma cultura das mulheres negras que seja uniforme e sim, uma junção dessas culturas que formam uma nova. Uma parte importante dessa cultura de mulheres negras é o termo “sisterhood”, que traz o sentido de irmandade, onde as mulheres negras compartilham o mesmo sentimento de opressão, criando uma certa relação interpessoal que traz benefícios psicológicos e políticos. Bell Hooks (1984), autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, em um de seus textos *Black women: shaping feminist theory*, é retratado como era a participação de mulheres não brancas no movimento feminista, onde ainda não se tinha uma vertente:

“Quando participei de grupos feministas, descobri que as mulheres brancas adotavam uma atitude condescendente em relação a mim e outras participantes não brancas. A condescendência que elas dirigiam a mulheres negras era um dos meios que empregavam para nos lembrar de que o movimento de mulheres era “delas” – que podíamos participar porque elas nos permitiam, até mesmo incentivaram; afinal, éramos necessárias para legitimar o processo. Elas não nos viam como iguais, não nos tratavam como iguais.” (Hooks, 1984, p. 204).

Relato este, que explicita a necessidade de um movimento próprio das mulheres negras. Por tanto tempo não somos vistas como iguais, há uma grande invisibilização de nossas demandas, de todas as questões relacionadas ao racismo, que demandam um espaço próprio e urgente de luta. A mesma autora também enfatiza que o feminismo em si não surgiu das mulheres agredidas sexualmente, psicologicamente e espiritualmente. Essas mulheres se mantinham silenciosas e desesperançosas referente às suas condições de vida, até as coisas ganharem forma e a possibilidade de luta seguida de mudanças ser visualizada. Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto, as mulheres negras lutavam pela liberdade e alfabetização. O feminismo negro tem pauta mais abrangente e preocupada com questões coletivas (De Almeida, J.T. e MACHADO, R.R. 2020, p.395).

Em 1980, Kimberly Crenshaw cunhou a teoria da interseccionalidade, onde em seu texto enfatiza que os discursos feministas e antirracistas contemporâneos não conseguiram considerar identidades interseccionais como as mulheres não-brancas (1989).

O mais significativo decorre da crítica de que, enquanto o feminismo branco pretende falar por mulheres não-brancas através da invocação do termo “mulher”, a perspectiva feminista exclui mulheres não-brancas porque se baseia nas experiências e interesses de um certo subconjunto de mulheres. (CRENSHAW, 1989).

A autora nos contextualiza que, por exemplo, trazendo o cenário onde ocorre violência contra a mulher, a política identitária sofre uma divergência, pois essa violência é muitas vezes caracterizada por outras questões de identidade, como raça e classe (1989). Crenshaw, no decorrer de sua dissertação, procura sempre ressaltar a importância de entendermos a teoria da interseccionalidade no decorrer que também nos faz entender que as mulheres não-brancas têm menos probabilidade de ter suas necessidades atendidas do que as mulheres que são racialmente privilegiadas (1989).

Onde os sistemas de raça, gênero e dominação de classe convergem, como ocorre nas experiências de mulheres não-brancas, as estratégias de intervenção baseadas unicamente nas experiências das mulheres que não compartilham a mesma classe ou raça de fundo serão de ajuda limitada para as mulheres que por causa de raça e classe enfrentam obstáculos diferentes. (CRENSHAW, 1989).

O mais significativo decorre da crítica de que, enquanto o feminismo branco pretende falar por mulheres não-brancas através da invocação do termo “mulher”, a perspectiva feminista exclui mulheres não-brancas porque se baseia nas experiências e interesses de um certo subconjunto de mulheres. (CRENSHAW, 1989).

O termo interseccionalidade no Brasil não foi de fato usado, porém a ideia referente ao conceito que Kimberlé Crenshaw cunhou, sempre esteve por trás de produções de autoras como Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, entre outras. Lélia Gonzáles, militante ativa do movimento negro e filiada ao Partido dos Trabalhadores, em seu clássico trabalho *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), usa o termo *amefricanidade* para deslocar a atenção para as experiências diversas de homens e mulheres negras e negros em diferentes partes do mundo (ASSIS, p. 34). Já Luiza Barros, é conhecida por ter dialogado diretamente com os ideais de feministas norte-americanas:

[...] Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra

o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (BAIRROS, 1995, p. 461).

Sueli Carneiro, é considerada fundamental para o pensamento feminista negro até os dias de hoje, principalmente a partir de sua obra *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2003).

“Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas.” (CARNEIRO, 2003, p.2).

Para a autora, entender a necessidade de enegrecer o feminismo hegemônico de bases brancas e eurocêntricas torna-se fundamental para a aplicação de políticas que visam atender a mulher negra, capazes de impactar no olhar voltado à moradia, saúde, alimentação e outras dimensões básicas do viver. (ASSIS, p. 37).

No Brasil, temos a questão do racismo estrutural, assunto no qual Silvio Almeida advogado, filósofo e professor universitário brasileiro e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, disserta muito bem. De forma resumida, é a manifestação normal de uma sociedade, na medida em que ela foi construindo-se com todo o histórico de escravidão, e pós abolição, como Silvio mesmo diz, temos resquícios disso que se transforma no racismo. A sociedade se reconfigurou em um momento que não há mais escravidão e a arma disso seria o racismo. Então, temos impregnado até os dias de hoje o branco como supremacia e o preto como subordinado. Se não falarmos disso, não conseguimos dissertar sobre essas questões que afetam de um jeito mais agressivo a mulher preta. Silvio traz essas questões em uma entrevista concedida em 2020 para o canal de Lili Schwarcz no Youtube. Nesta entrevista, o professor deixa claro que as mulheres negras lideram o movimento negro atualmente, não somente no Brasil e sim, no mundo inteiro. Dando ênfase que historicamente as mulheres negras foram construindo formas de resistência e aprimoramento político, se tornando cruciais para as lutas de hoje. Deixando nítido todo seu legado de lutas.

2.2. A realidade das mulheres negras no Brasil e a importância do movimento feminista para o processo de mudança dessa realidade

A realidade no Brasil mostra a gravidade do quadro da situação das mulheres negras. Em 2019, a Fiocruz lançou uma pesquisa referente a violência sofrida pelas mulheres e relatou que “há uma diferença de 71% entre a taxa de homicídios das mulheres negras e as não-negras.” E ressalta a importância da ampliação de políticas públicas por parte da Federação em todas as questões que colocam as mulheres em situações de extrema vulnerabilidade.

Os índices de assassinato das mulheres negras são até hoje reflexo das relações de dominação a qual eram submetidas na escravidão. “O ponto de partida de qualquer exploração na vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel enquanto trabalhadora” acentua Angela Davis em sua obra *Mulheres, raça e classe* (1981). As mulheres negras, acabam interligando em si mesmas as estruturas racistas, patriarcais, sexistas e heteronormativas, sendo colocadas em uma condição em que se torna passível de objetificação.

[...] é importante refletir sobre onde estão as mulheres negras hoje, mais importante ainda é refletir onde estiveram em toda a sua construção enquanto mulheres. (VILAR, 2018).

Caroline Vilar pontua em seu texto para o Coletivo Juntos que as experiências acumuladas pelas mulheres negras, segundo Angela Davis (2011), historicamente se basearam em seu papel enquanto trabalhadoras intermitentes. [...] Ser mulher negra no Brasil, ainda segundo Davis, já é em si resistência. E já traz, por si, mesmo que não de maneira organizada, um sentimento anticapitalista. (2018).

Os enfrentamentos feitos pelas mulheres negras têm apontado para a agudização da violência contra as mulheres negras. O estudo do feminismo proposto e vivenciado pelas mulheres negras serve para dar visibilidade às diferentes formas de violência que ainda recaem sobre as mulheres negras brasileiras. (FONTOURA, 2016 p.77)

Esta bagagem de violência reflete em diversos ramos da vida dessas mulheres, ainda mais quando se trata de estudo e bons empregos, muitas não tiveram oportunidades de estudar e acabam em profissões que por mais que sejam dignas, não alcançam o grupo de profissões almejadas em uma sociedade. Por isso, a importância de tomar nosso lugar de fala e ocupar espaços.

No decurso diário de nossas vidas, a forjada superioridade do componente racial branco, do patriarcado e do sexismo, que fundamenta e dinamiza um sistema de

opressões que impõe, a cada mulher negra, a luta pela própria sobrevivência e de sua comunidade. (FONTOURA, 2016, p.79).

As mulheres negras possuem um protagonismo histórico quando se trata de lutas e movimentos por sua liberdade no Brasil, podemos dizer que vem desde a escravização, como os feitos de Dandara dos Palmares, que em seu espaço de resistência, o Quilombo dos Palmares, junto com Zumbi, dominava a arte da capoeira e resistiu a vários ataques. Também há nomes como Zeferina, que saiu em busca de sua liberdade, fundando o Quilombo do Urubu em Salvador. Há uma grande linha histórica, onde as mulheres negras vêm se moldando conforme sua realidade, estudando onde estão inseridas e entendendo o quanto precisam fazer o máximo para mudar suas condições e de seus pares.

Era em instituições mistas dos movimentos que a grande maioria das mulheres negras costumavam usar sua voz, até perceberem que precisavam de espaços exclusivos e fundamentais para poder falar com mais visibilidade incluindo o fator raça, pois entenderam que quando traziam em pauta questões que remetiam ao racismo não conseguiam dialogar com mulheres brancas. Em seguida, os movimentos negros passam a surgir mais e mais no Brasil como consequência de um processo de abertura política que permitiu a reorganização de movimentos sociais com a intenção de combater tanto a discriminação de gênero, quanto de raça e classe. Ele nos desafia a entender como as opressões se somam para aumentar a desigualdade (2022).

“As ideias de emancipação da mulher negra adquirem contornos próprios onde quer que estejam localizadas, as experiências individuais e configurações locais são o que moldam a luta social onde quer que seja. Com os feminismos negros não é diferente no caso do Brasil a experiência de diáspora fez com que as mulheres negras aqui ressignificassem suas pautas, pautassem suas demandas e tornando os feminismos negros brasileiros hoje um dos mais influentes no mundo.” (Assis, 2019, p.27).

2.3 Gênero e raça na política no Brasil: sub-representação das mulheres negras e caminhos para a mudança.

Como retratado no tópico anterior, ficou claro que as mulheres negras sempre estiveram em posições precárias perante a sociedade, sofrendo humilhações tanto físicas quanto psicológicas que as acompanham desde o passado até os dias de hoje. No passado ainda havia um medo muito grande de sair desse senso comum, o que é compreensível, pois foi pregado que essas

seriam suas condições para sempre. Mas quando se entra em um cenário onde o feminismo negro está se moldando dentro da sociedade e trazendo mais e mais mulheres para a luta, nasce o desejo e a sede de mudança. A necessidade de ter seu próprio protagonismo e liberdade.

Este movimento de mulheres negras por si só, se torna uma das coisas mais importantes em questão racial, pois junto a ele mulheres negras vão influenciar outras, até que se percebe a real necessidade de representatividade e liderança. Acredita-se que então passam a se interessar por política e a querer ocupar espaços institucionais, mas não só estes, claro. A questão é que a mulher negra passa a ver a importância de representar e ser representada, já que uma mulher branca ou um homem branco não podem arcar com isso, já que o homem negro também acaba pecando nessa parte. A partir disso, vão surgindo pautas e mais pautas, cada uma delas com suas peculiaridades, questões que só conseguem ir de mulher negra para mulher negra. É necessário mudar a realidade de violência e isolamento.

Iris Marion Young em seu texto *Representação Política, Identidade e Minorias* (2006), onde retrata as dificuldades de inclusão pelas quais passam a democracia e visa desenvolver um modelo analítico que olhe para a representação dessas minorias a ponto de atender suas demandas em âmbito universalista, nos traz a seguinte passagem:

A representação é necessária porque a rede da vida social moderna frequentemente vincula a ação de pessoas e instituições num determinado local a processos que se dão em muitos outros locais e instituições. Nenhuma pessoa pode estar presente em todos os organismos deliberativos cujas decisões afetam sua vida, pois eles são numerosos e muito dispersos. Ainda que as expectativas de um cidadão sejam frequentemente desapontadas, ele espera que outros pensem em situações como a dele e as representem nos respectivos fóruns de discussão. (2006, p.144).

Infelizmente, a inserção das mulheres negras na política contextualizando o âmbito brasileiro ainda é bastante lento comparado aos números de homens brancos, que dominam e de mulheres brancas que também tem suas dificuldades, porém mesmo assim se sobressaem. A questão gênero e raça se torna completamente nítida. E quando o fator raça se difunde dentro de uma outra variável, como o gênero, é possível entender uma enorme diversidade de perspectiva, linguagem e cultura.

“Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores

revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos.” (Davis, 1981).

A sub-representação política de mulheres negras no Brasil necessita de debate, a pensar sobre seu alto número populacional e a urgência de políticas públicas direcionadas ao grupo de mulheres negras, historicamente subjugado no país. De acordo com Steffane Pereira Santos (2020), que em sua pesquisa procura dissertar sobre a sub-representação no aparato político-decisório no Brasil, ressalta que os empecilhos que giram ao redor da sub-representação de mulheres negras são inúmeros, dispendo de caráter estrutural da construção societária. De fato, no que diz respeito à participação política e baixa inclusão das mulheres, há uma farta bibliografia e os trabalhos se esforçam para trazer dados que nos contextualizam referente a essa problemática, porém é praticamente impossível não sentir a falta de um maior aprofundamento sobre o assunto. Desde a década de 90, existem debates teóricos sobre essa lenta inserção da mulher na política, possibilitando que em 1995 fosse criada a primeira legislação brasileira voltada para a proteção dessa participação. Mas, atualmente, é bastante perceptível que ainda precisamos avançar muito.

O site Nexa listou as vereadoras negras eleitas em 15 de novembro de 2020, compondo uma porcentagem de 6,3%: Curitiba (PR), Vitória (ES) e Goiânia (GO), por exemplo, elegeram suas primeiras vereadoras negras: Carol Dartora, Camila Valadão e Aline Flausino, respectivamente. E ainda no âmbito nacional, não podemos deixar de entender que o racismo funciona em todas as partes, uso o exemplo de uma das vereadoras negras de Belém (PA) e também enfermeira, onde ressalta

“O racismo estrutural significa que a sociedade foi estruturada historicamente, sob a égide do racismo, de que os negros e negras são inferiores aos brancos. Eu mesma, nesta casa, tive dificuldades de ser reconhecida como vereadora, uma negrinha, pequenina, magrinha. Quem é você? Um branco alto, uma branca alta passa, que nem pedem identificação. Agora não. Já se acostumaram.” (LIMA, 2022).

Conforme o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), baseado em dados de 2020, as mulheres representam 52,5% do eleitorado brasileiro. É imprescindível falar sobre o ligeiro aumento no número de vereadoras entre 2016 e 2020, mas também é importante ter consciência que ainda segue bastante baixa a proporção de mulheres no eleitorado. Portanto, esse levantamento indica que o número de mulheres não brancas que se elegeram vereadoras aumentou 22,84% em relação à eleição de 2016.

A maior participação das mulheres negras na política é extremamente necessária, considerando o fato de que promove e se torna um grande processo de reparação histórica, possibilitando o desenvolvimento da democracia e pluralidade nos espaços de tomadas de decisões. Segundo a Oxfam Brasil (2020), ainda que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tenha estabelecido uma cota de 30% para candidaturas de mulheres nos partidos, não havia nada que remetesse à questão racial, assim, em 2020, procurou-se dar mais visibilidade a candidatos pretos e pardos, a partir da ampliação de recursos confirmada pelo Supremo Tribunal Federal - STF. Ficou decidido que os recursos públicos do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) — também chamado de Fundo Eleitoral — e o tempo de rádio e TV destinados às candidaturas de mulheres deveriam ser repartidos entre mulheres negras e brancas na exata proporção das candidaturas apresentadas. Isso se concretizou após consulta junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) feita pela deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ). Com essa nova regra era esperado que a partir das eleições de 2022 começássemos a ver mudanças, o que certamente ocorreu, pois, vereadoras negras hoje ocupam cargos de deputadas, outro marco para a política gaúcha e nacional. Apesar de retratar um histórico longo de luta e às vezes, de certo modo, fazer parecer que as mulheres negras na política estão surgindo agora. Não podemos deixar de falar de Antonieta de Barros, educadora e jornalista atuante, a primeira mulher negra a ser eleita para uma Assembleia Legislativa no Brasil, em 1934; Theodosina Rosário Ribeiro, eleita em 1970 a primeira vereadora negra da Câmara Municipal de São Paulo e, em 1974, a primeira deputada negra da Assembleia Legislativa do Estado, onde ocupou também o cargo de vice-presidente. E Benedita da Silva, a primeira mulher negra a ocupar uma vaga no Senado do Rio de Janeiro, em 1994. Houve e há outras mulheres negras de fato bastante influentes e importantes para a política brasileira, como Marina Silva, Janete Pietá, Jurema Batista, etc., cujas trajetórias e contribuição não seria possível desenvolver nos limites deste estudo.

3. Metodologia

Para dar conta da realização dos objetivos propostos, trabalhamos com uma metodologia de caráter qualitativo, onde foi realizada uma análise documental, com uso de fontes secundárias a qual nos permitiu aprofundar as percepções de quatro mulheres negras, eleitas vereadoras em Porto Alegre em 2020, sobre as dificuldades enfrentadas na sua trajetória e no exercício de sua atividade, considerando sua dupla condição: mulher e negra. A abordagem qualitativa, segundo

Minayo e Guerriero (2014, p.1.105), busca “compreender o sentido ou a lógica interna que os sujeitos atribuem a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças”. Ainda conforme a autora, esse tipo de estudo “requer a contextualização dos sujeitos e dos fenômenos no tempo e no espaço, e uma postura interativa e em intersubjetividade por parte do pesquisador”.

A pesquisa qualitativa vai trabalhar com universo de significados, crenças e valores que permitem a análise de relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a números ou operacionalização de variáveis. Sendo assim, entende-se que este tipo de abordagem permite trazer novos elementos sobre o fenômeno estudado, mantendo respeito pela diversidade existente. Os estudos feministas e mais especificamente do feminismo negro destacam a importância de trabalhar com metodologias que permitam dar voz às que historicamente foram silenciadas. Conforme Costa “é necessário que a escuta mostre caminhos para que sujeitos historicamente subalternizados utilizem de sua fala como agência. Contar nossas próprias histórias é romper com o silenciamento e a subalternidade impostos duplamente a nós mulheres negras”. (2022, p. 6). E apesar de não ter conseguido todas as entrevistas de forma presencial ou virtual devido a agenda corrida das vereadoras, buscou-se resgatar toda essa trajetória a partir da análise da íntegra de entrevistas concedidas pelas vereadoras a outros meios, bem como informações tiradas dos seus respectivos sites e redes sociais.

Quadro 1: Entrevistas analisadas.

Vereadora	Entrevistas	Ano
Bruna Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> ● Entrevista presencial para esta pesquisa ● Elástica. ● Feminismo É (Manuela D’ávila) 	<ul style="list-style-type: none"> ● 2022 ● 2020 ● 2021
Daiana Santos	<ul style="list-style-type: none"> ● Ecoah. ● Trajetórias 622. ● Vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> ● 2021 ● 2022
Karen Santos	<ul style="list-style-type: none"> ● Brasil de Fato. 	<ul style="list-style-type: none"> ● 2020
Laura Sito	<ul style="list-style-type: none"> ● Opera Mundi. ● Ah Tri Cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ● 2020

Também houve uma conversa presencial com Bruna Rodrigues, toda essa junção de informações que se complementam de certa forma, possibilitou que a análise desta pesquisa fosse realizada e suficiente para que se compreenda a luta de nós mulheres negras por melhores condições de vida, no combate contra o racismo, contra a violência. Procurou-se resgatar relatos que remetesse aos elementos que procuramos nos objetivos específicos, recuperando temas como infância, desenvolvimento pessoal, acadêmico, profissional, dificuldades para chegarem onde se encontram hoje, dificuldades enfrentadas como figuras políticas negras dentro de um cenário conservador, como ocorre essa violência de gênero e raça dentro e fora dos espaços institucionais. Com Bruna Rodrigues, conseguimos também conversar sobre psicológico, medos, sentimentos de desistência, ou se houve mais motivações para continuar representando mulheres negras com suas demandas que por muito tempo são ignoradas.

Referente às entrevistas que não foram presenciais, como a de Laura Sito, Daiana Santos e Karen Santos, foi realizada consultas a artigos, entrevistas, matérias publicadas pelas mesmas e notícias que busquem trazer informações relevantes e atuais sobre os temas tratados. Para analisar as informações levantadas, pode-se constatar que foi realizado no geral uma análise documental. Cabendo destacar que a relação entre pesquisador e o pesquisado, envolvendo elementos intuitivos e subjetivos é um elemento sempre desafiador para qualquer pesquisa qualitativa e que neste caso se apresentou como uma questão sensível para a pesquisadora, pois como mulher negra há um grande identificação com a teoria do presente trabalho, principalmente quando falamos na escassez de representatividade e a na importância de que ela venha se desenvolvendo para que nós mulheres negras possamos sempre nos conduzir a um cenário digno, o qual muitas acabaram não experimentando e não experimentam até hoje. A continuação, apresentamos um resumo das técnicas de pesquisa utilizadas para dar conta dos objetivos:

Quadro 2: Técnicas de pesquisa.

Objetivos	Técnicas de pesquisa
1- Analisar como ocorrem violências de raça e gênero no exercício do mandato das vereadoras.	<ul style="list-style-type: none"> ● Relatos em entrevistas concedidas por elas, disponibilizadas na íntegra. ● Consulta a notícias.
2 - Verificar se após a posse desses vereadores vem se desenvolvendo políticas públicas de combate à violência de raça e	<ul style="list-style-type: none"> ● Consulta bibliográfica. ● Relatos em entrevistas concedidas por elas, disponibilizadas na íntegra.

gênero no Município de Porto Alegre.	
3 - Verificar a presença de mulheres e de mulheres negras na política no Rio Grande do Sul e especificamente em Porto Alegre (ou região metropolitana) ao longo da história.	<ul style="list-style-type: none"> ● Consulta bibliográfica. ● Pesquisa de documentos.
4 - Identificar como organizações e movimentos negros e feministas têm influenciado a posse dessas mulheres na política.	<ul style="list-style-type: none"> ● Consulta bibliográfica e documental. ● Sites que tragam o assunto.

4. A baixa representatividade das mulheres negras na política: um breve contexto das mulheres negras na política no Rio Grande do Sul.

Este capítulo apresenta algumas informações sobre as mulheres negras na política em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, com o objetivo de entender o cenário mais amplo onde se insere a ascensão das vereadoras negras analisadas neste trabalho. Na continuidade, se apresenta o histórico da Câmara Municipal de Porto Alegre e a situação encontrada com a chegada de uma bancada negra em 2021.

4.1 Mulheres negras na política: Os dados da cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana.

O Rio Grande do Sul, nunca ficou de fora em relação ao déficit de mulheres negras na política, por mais que ficassem em uma das regiões dos onde mais perpetuasse os movimentos negros. Mesmo assim, tivemos a primeira mulher negra como vereadora somente em 1996, que seria Teresa Franco, filiada ao PTB e natural de Rio Pardo, a qual ficou conhecida como “nega diaba” e até 2019 seria a única mulher negra para um mandato na Câmara de Vereadores, com exceção de suplências, como Karen Santos (PSOL) que foi empossada no mesmo ano, após a titular do mandato, Fernanda Melchionna, ser eleita para a Câmara Federal. E também consultando algumas informações geradas com dados do TSE pelo sistema de produção automatizada de notícias do UOL, onde é listado todos os vereadores eleitos em determinada cidade, visando o ano de 2020, e focando nos municípios de: São Leopoldo, Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí e Viamão, identificamos que, pasmem, a única dessas cidades onde foi localizada uma mulher negra eleita como vereadora nas últimas eleições foi em Viamão, com

Fatima Beatriz da Silva Maria (PT), que inclusive já possui uma vasta carreira política, dirigindo um mandato coletivo denominado “Teremos Vez”, composto por co-vereadoras negras e com o intuito de combater o racismo, a violência doméstica contra a mulher e a favor do empoderamento feminino. Resumindo, nessas cidades pesquisadas, o padrão se repete: homens brancos e mulheres brancas (ainda que em minoria). Porém, não imaginávamos que iríamos entrar em uma era, que movimentaria muito mais mulheres interessadas na política, infelizmente, um dos fatores para isto foi e é considerada até hoje, ainda mais para nós mulheres negras, uma grande tragédia que seria o assassinato de Marielle Franco em 2018, ex-vereadora do Rio de Janeiro e filiada ao PSOL.

Acredita-se que há uma grande influência e inspiração para as candidaturas de mulheres negras no Rio Grande do Sul, pois 48 mulheres negras de diversos partidos e ideologias mobilizam-se para tentar aumentar sua representatividade no Legislativo; 23 partidos no estado têm candidatas mulheres que se declaram pretas; o PSOL tem o maior número de mulheres postulantes a cargos.³

Ainda em 2018, também tivemos a candidatura de Valéria Machado do PROS (Partido Republicano da Ordem Social), que é considerada umas das mulheres negras do Rio Grande do Sul com atuação militante e política mais longas.

“Eu era subprefeita do distrito de Quintão [em Palmares do Sul] e um senhor me viu e falou ‘uma negrinha como prefeita?’, então é exatamente por isso que eu quero concorrer” (MACHADO, 2018).

Até o ano atual, na Assembleia Legislativa gaúcha, nenhuma mulher negra exercia mandato. Dos 55 parlamentares, apenas nove eram mulheres.

“Quem matou ela (Marielle) se equivocou, porque achou que ali acabava uma luta, mas ali começou a luta de muitas mulheres” (RODRIGUES, 2018).

Após realizar esse breve contexto de anos anteriores da política gaúcha, é bastante satisfatório chegar no ano atual e ver que hoje temos representantes mulheres negras da Câmara dos Deputados. Como a ex-vereadora de Porto Alegre, Daiana Santos (PCdoB), que hoje ocupa seu lugar em um dos 31 assentos destinados aos deputados federais, é a primeira mulher negra e

³ Várias Marielles estão surgindo’: mulheres negras buscam conquistar espaço no Legislativo Disponível em< <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-politica-eleicoes-2018-areazero/2018/09/varias-marielles-estao-surgindo-mulheres-negras-buscam-conquistar-espaco-no-legislativo/>> Acesso em: 20/02/2023

lésbica eleita pelo RS, com 88.107 mil votos no último pleito eleitoral. Bruna Rodrigues (PCdoB) e Laura Sito (PT) serão as primeiras mulheres negras no parlamento gaúcho.

Gabriela Cruz, que hoje é presidente nacional do Tucanafro (núcleo da militância negra do PSDB) e diretora na Secretaria de Sistemas Penal e Socioeducativo do governo Eduardo Leite (PSDB), enfatiza com certo orgulho que tanto no Legislativo quanto no Executivo do Rio Grande do Sul, pela primeira vez na história há uma presença massiva de representatividade negra.⁴

Bruna Rodrigues traz em suas declarações a importância da mulher negra ocupando a política, porém seguida de seus pares. É importante ressaltar o quanto o coletivo acaba sendo um fator de certa segurança para essas mulheres, pois diante de um cenário que não as recebe muito bem, buscam apoio umas nas outras para seguir na luta por uma política pública mais justa.

4.2. A Câmara Municipal de Porto Alegre, a representação feminina e a situação das vereadoras negras.

Para entender a situação das vereadoras eleitas em Porto Alegre, nas eleições de 2020, onde hoje, após dois anos foram eleitas deputadas, é necessário trazer um breve histórico sobre a Câmara Municipal da cidade e seu caráter:

Em Porto Alegre, a história do Legislativo Municipal iniciou-se no ano de 1773. Com a mudança da Capital da Província do Arraial de Viamão para a Freguesia da Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, nome dado a cidade naquela época, o Governador Jose Marcelino de Figueiredo oficiou a Câmara comunicando que havia mudado o governo para a nova capital e determinou que os vereadores também o fizessem. Sua ordem foi acatada, e os vereadores reuniram-se na nova capital em 6 de setembro de 1773. Os vereadores que integraram a primeira Câmara Municipal de Porto Alegre foram os senhores Domingos Moreira - Presidente, Manoel Velloso Tavares, Domingos Gomes Ribeiro, José Alves Velludo e Ventura Pereira Maciel. (CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2008).

Desde então, o perfil que prevalece na Câmara Municipal de Porto Alegre é o que está sintetizado em matéria ao Jornal Matinal:

⁴ Negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais. Disponível em: <<https://www.acessa.com/politica/2023/02/128742-negros-sao-menos-de-15-no-primeiro-escalao-dos-governos-estaduais.html>> Acesso em: 29/03/2023

Homem branco, 55 anos, com diploma universitário, vereador “profissional” e dono de um patrimônio médio de R\$585 mil. Esse é o perfil que sintetiza o retrato atual da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. De 36 vereadores em exercício hoje na Capital, somente cinco são mulheres, ou seja, 14%. Um retrato distorcido do eleitorado porto-alegrense, composto por 55% de mulheres. (JORNAL MATINAL, 2020)

Ainda conforme essa matéria, em 2020 a população negra na capital correspondia a 23%, portanto está totalmente sub-representada: havia apenas um homem negro e uma mulher negra entre os membros do Legislativo, ou 6% das cadeiras. É então que entramos nas eleições de 2020, em Porto Alegre, onde foram eleitas quatro parlamentares: Karen Santos (PSOL), Laura Sito (PT), Bruna Rodrigues (PCdoB) e Daiana Santos (PCdoB). Tornando-se a capital com maior representatividade feminina na Câmara de Vereadores, onde 11 das 36 vagas foram ocupadas por mulheres, segundo os dados do G1. Em segundo lugar, vem Belo Horizonte (MG). Já João Pessoa (PB) vem como a capital com a menor porcentagem de vereadoras, apenas uma das 27 cadeiras ocupadas.

A partir disso, e ao mesmo tempo entendendo que ainda temos um longo caminho a percorrer, foi-se considerado uma grande vitória para as mulheres negras da cidade (Porto Alegre) que hoje se sentem muito mais representadas na Câmara Municipal. Porém, o que se pretende discutir é o ódio referente a questões de gênero e raça disparados contra essas vereadoras. Em uma entrevista da série Mulheres na Política, com Karen Santos do PSOL, a parlamentar fez questão de verbalizar o quanto o papel da mulher negra na sociedade e na política é um devir (2020). Segundo uma pesquisa feita pela Terra de Direitos e da Justiça Global (2020), de 19 assassinatos e atentados mapeados em 2017, o número cresceu para 32 em 2019 e até novembro de 2020 foram registrados 107 casos de assassinatos e atentados contra agentes políticos, número cinco vezes maior do que o de 2021.

Em 2021, iniciou-se por parte do presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, Carlos Veras (PT/PT) uma solicitação ao Secretário da Segurança Pública do Rio Grande do Sul, Ranolfo Vieira Júnior, para que fosse investigado as ameaças de morte contra as vereadoras Karen Santos (PSOL/RS), Daiana Santos (PCdoB/RS) e Laura Sito (PT/RS). Segundo matéria de Fábria Pessoa para a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, em 2021. Também solicitou ao vereador Márcio Bins Ely, Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, providências urgentes para a imediata apuração das ameaças e para garantir a proteção da integridade física e o exercício do mandato das vereadoras (2021).

Em 6 de dezembro de 2021 às 17h, os cinco vereadores da Bancada negra, Daiana Santos (PCdoB), Karen Santos (PSOL), Bruna Rodrigues (PCdoB), Laura Sito (PT) e Matheus Gomes

(PSOL) receberem um texto por e-mail contendo conteúdos racistas e homofóbicos. O autor informava ser do Rio de Janeiro e realizou diversas ameaças de morte, avisando que iria adquirir armas e viajar até Porto Alegre para executar esses parlamentares. Deixando bastante claro que a Câmara Municipal, acredito que não só de Porto Alegre, mas sim de outras cidades também, seria um lugar para "homens brancos de bem" (2021). Também fez questão de usar o termo "zoológico" para se referir aos parlamentares negros.⁵

Por isso, trazer essa temática se torna algo bastante importante, pois acabamos focando no fato de hoje termos uma crescente posse — ainda que haja um longo caminho a percorrer — de vereadoras negras na política, porém acabamos não dando ênfase ao quanto a vida dessas mulheres sempre continua em jogo, envolvendo política ou não, é sempre uma luta diária.

“Queremos que haja mudança de protocolo de segurança da casa e da nossa segurança. Desde o maior controle de acessos de pessoas. A gente não tem segurança para ficar até mais tarde no gabinete, entrar sozinha. É uma situação delicada, que temos medo, porque são situações que não podem ser levadas como "não é nada, é só um e-mail". Já tivemos uma vereadora assassinada no Brasil.” (SITO, 2021).

Referente à verificação se após a posse desses vereadores vem se desenvolvendo políticas públicas de combate à violência de raça e gênero no Município de Porto Alegre, igual colocado nos objetivos específicos deste projeto. A bancada negra de Porto Alegre criou a Frente para articular políticas e ações antirracistas.

“A criação da Frente foi uma das primeiras ações propostas pela nossa bancada, por representar essa importância em nossas vidas, na vida de cada um que constitui a Bancada Negra e de cada mulher e homem negro que nos ajudou a chegar até aqui. A intenção é que a Frente seja um espaço de debate, mas, essencialmente, de criação de políticas públicas que dialoguem com as necessidades da população negra de Porto Alegre.” (RODRIGUES, 2020).

Para concluir, é destacado pela bancada, em matéria para o Brasil de Fato, que o espaço é aberto não apenas para negros, e sim, para vereadores brancos também, onde todos são bem-vindos para formular políticas públicas para a capital que consista em desenvolver as

⁵ Vereadores negros de Porto Alegre recebem ameaça de morte por e-mail e caso é apurado pela polícia. Disponível em:

<

demandas do movimento negro na Câmara. Tendo participado da reunião mais de 40 entidades e coletivos negros de Porto Alegre.

5. Análise: Trajetórias e experiências das vereadoras negras em Porto Alegre.

O presente capítulo apresenta a análise dos resultados da pesquisa, tomando como base a análise da história e a trajetória política das vereadoras negras eleitas em Porto Alegre. Conforme apresentado na metodologia, pretendíamos trabalhar com entrevistas em profundidade, para dar voz às primeiras mulheres negras vereadoras na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul: Bruna Rodrigues, Daiana Santos, Laura Sito e Karen Santos. Após verificarmos dificuldades de acesso às vereadoras e só ter conseguido realizar a entrevista de Bruna Rodrigues, partimos então para a análise de entrevistas e depoimentos concedidas pelas vereadoras a outros meios, entrevistas estas que foram devidamente organizadas para identificar os elementos que traçamos nos objetivos desta pesquisa, a saber: conhecer suas trajetórias de vida e sua trajetória política até chegarem aos espaços de representação que hoje ocupam, analisar como elas vivenciam as questões de raça e de gênero ao longo de sua vida e de seu mandato como vereadoras e identificar se, a partir da sua própria experiência, elas visualizam algumas perspectivas de mudanças institucionais para a ampliação da representação das mulheres negras no município de Porto Alegre. Sendo assim, após termos realizado no capítulo anterior um resgate da situação das mulheres negras na política em um contexto geral, onde vemos que por muito tempo enfrentamos situações de ausência de representantes femininas negras no território nacional, do Rio Grande do Sul e do município de Porto Alegre, este capítulo está focado na análise específica das quatro vereadoras negras eleitas em 2020.

O objetivo é enfatizar a importância dessas representações em uma das capitais mais segregadas do país e a importância dessas lideranças dentro de um contexto que tenta a todo custo mostrar que as mulheres, especificamente negras, só deveriam ocupar cargos de mão de obra barata e que não seria possível mudar nossas realidades e ocupar espaços na política. Busca analisar junto com essas conquistas a violência de raça e gênero sofrida por essas mulheres antes e durante a vida política. Importante contextualizar que essas mulheres concorreram nas eleições de 2022 para deputadas estaduais/federais, conquistando mais uma vitória e outro marco para a história do Rio Grande do Sul, sendo Laura Sito e Bruna Rodrigues eleitas deputadas estaduais, Karen Santos suplente e Daiana dos Santos deputada federal. É bastante nítido que vieram para fazer história.

Essa pesquisa dá maior ênfase a suas trajetórias de vida, suas lutas até chegarem à vereança e os dois anos de mandato, pois é visto como um marco para a cidade, trazendo sua primeira e expressiva bancada negra, uma conquista fundamental para que mulheres pretas se sentissem representadas em meio a toda a segregação e racismo que a cidade e o estado sofrem. Ao entrevistar Bruna Rodrigues ela declara que “a política não concebe a nossa chegada, olha pra gente e fala: o que é isso aí? Essa galera veio pra ficar ou são experimentos?” e analisando o cenário atual, a permanência dessas mulheres nos movimentos, na militância, ocupando cargos políticos, nos mostra que as eleições de 2020 seria apenas o começo, que não tem nada a ver com experimento e a prova são as eleições de 2022. É interessante pensar que sim, cada uma tem sua individualidade, porém realidades similares e a mesma sede de mudança moldam a trajetória de política e de vida dessas mulheres, seja na luta para vagas na creche que foi o estopim para a vida política de Bruna Rodrigues, por exemplo, ou os movimentos estudantis que tiveram desde cedo presentes na luta de Karen Santos e Laura Sito ou como diz Daiana Santos, em entrevista:

“Na verdade acho que não é nem que surge o interesse pela política, é que a política acaba fazendo parte do cotidiano, trabalho desde sempre com educação social, educação popular e saúde, mas antes disso eu sou uma militante[...]” (TRAJETÓRIAS, 2021)

No início, será realizada uma apresentação individual de cada uma, pois é importante saber as principais questões dessas mulheres que vêm nos representando tão bem na política gaúcha, trazendo diversidade para o cenário conservador o qual nos foi colocado por anos. Posteriormente, serão apresentados os caminhos percorridos até a entrada na política, seguido por outro ponto sobre suas experiências como vereadoras e finalizando com as perspectivas de mudanças institucionais.

5.1. De onde elas vêm? Uma breve apresentação.

Analisando cada uma das vereadoras foi possível identificar perfis em comum, que além de ser partilhado entre elas, também é o perfil da mulher preta brasileira: provenientes de lugares e famílias mais humildes, as quatro vêm da periferia da cidade, as quatro também foram ou são estudantes da UFRGS. São mulheres jovens, duas são mães e suas trajetórias mostram a luta

por condições melhores para si, para seus filhos, famílias e comunidades, em uma intensa batalha contra as diversas formas de violências a que somos submetidas. É possível verificar que suas lutas são construídas a partir de onde vieram, de suas vivências e das vivências de seus pares. Por isso, conseguimos identificar que apesar da individualidade de cada uma, elas se encontram na luta antirracista, na igualdade de gênero, no combate das diversas violências que as mulheres negras sofrem nessa sociedade segregada.

Nisso, se torna importante que saibamos quem elas são, de onde vieram.

5.1.1. Bruna Rodrigues (PCdoB)

Bruna Liege da Silva Rodrigues, nasceu em Porto Alegre em 23 de agosto de 1987. Foi mãe aos 16 anos. É estudante cotista do curso de Administração Pública e Social na UFRGS. É filha de empregada doméstica e gari, nasceu e se criou na Vila Cruzeiro. Foi também presidenta da União das Associações de Moradores de PoA – UAMPA. Se identifica como uma das inúmeras filhas das políticas sociais.

5.1.2. Laura Sito (PT)

Laura Soares Sito Silveira, nascida em Porto Alegre, 29 de novembro de 1991, nascida e criada no bairro Glória. É mãe do Pedro, filha de mãe solo e criada com a ajuda dos avós. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e servidora municipal de Porto Alegre. Iniciou o contato com os movimentos estudantis aos 13 anos e presidiu o grêmio da Escola Estadual Júlio de Castilhos.

5.1.3. Karen Santos (PSOL)

Karen Moraes dos Santos nasceu em Porto Alegre-RS, em 13 de novembro de 1988, é Professora de Educação Física formada pela UFRGS. Filha de pai bancário do Banrisul e mãe secretária de escola estadual. Moradora do bairro Camaquã, na zona sul, e depois no Partenon, na zona leste.

5.1.4. Daiana Santos (PCdoB)

Daiana Silva dos Santos, nasceu em Júlio de Castilhos, 29 de janeiro de 1982. Com 13 anos mudou para Porto Alegre e cresceu na periferia do Morro Santana. Foi primeira vereadora lésbica em Porto Alegre. Em seu site oficial, declara:

[...] me tornei Sanitarista e Educadora Social, trabalhando principalmente com mulheres em situação de violência e a população em situação de rua. Foram através delas que entendi a urgência de lutarmos por políticas públicas que melhorem a nossa vida. Além disso, criei o Fundo das Mulheres, que atende principalmente mães solo em situação de vulnerabilidade social.” (SANTOS D, 2020)

É criadora do Fundo das Mulheres POA que atende mulheres em vulnerabilidade social, uma iniciativa sem vínculo com partido político.

Comentário geral: mulheres jovens, todas estudantes ou formadas pela UFRGS.

5.2. Os caminhos até a entrada na política: organizações chaves e a relação com os movimentos sociais.

Conforme algumas pesquisas também sintetizadas neste trabalho, é possível averiguar a importância dos movimentos sociais para o desenvolvimento de muitas mulheres dentro ou fora da política. A partir da inserção nesses movimentos é possível ter maior entendimento de que podem ser lideranças, representar e serem representadas. Duas construíram sua trajetória de participação política através do movimento estudantil e duas a partir da atuação comunitária. E como é destacado em entrevista:

“A forma como o racismo estruturou as relações de classe no Brasil segue como um fator determinante na definição de táticas, sobre o entendimento das prioridades políticas, sobre a conduta que a branquitude se impõe sobre as comunidades negras, como se fossem objeto de política pública, e não como sujeitos capazes de analisar, formular e ser protagonistas na luta.” (SANTOS K, 2020)

Na medida em que a sociedade foi se estruturando, foi nos colocado uma conduta de passividade quando se trata de ocupar espaços, de tomarmos a frente das nossas lutas. Por isso, é comovente falar sobre o quanto a população preta, inclusive as mulheres, vêm cada vez mais tomando voz, protagonizando os movimentos, ocupando lugares que não nos imaginavam sendo vistas. Karen Santos desde o início possui uma jornada dentro dos movimentos estudantis, por exemplo, iniciando no Diretório Acadêmico de Educação Física - DAEFi da

UFRGS e após a luta pela avaliação das cotas na UFRGS, criaram, em 2012, o Coletivo Negração, primeiro coletivo de estudantes cotistas, também da UFRGS. Sobre essa trajetória, ela diz:

“Entro na UFRGS junto com minha irmã, para o mesmo curso – Educação Física. Ela para o primeiro semestre e eu para o segundo. A Renatinha ‘de cara’ se engajou no Diretório Acadêmico de Educação Física (DAEFi). Participou das lutas pelo RU na ESEF e dos encontros de área, e eu logo que entro começo a trabalhar no IBGE, onde realizo as pesquisas POF e PNAD. Ambas as pesquisas me permitem conhecer a diversidade e as desigualdades de Porto Alegre e Região Metropolitana. Termina meu contrato no IBGE e começo a participar do Movimento Estudantil, a convite da minha irmã. Primeiramente no movimento estudantil de Educação Física – MEEF/ DAEFi, e depois DCE da UFRGS. Em 2012, após a luta pela avaliação das cotas na UFRGS, criamos o Coletivo Negração, primeiro coletivo de estudantes cotistas da UFRGS. Na sequência vêm as jornadas de junho de 2013 e com isso o Coletivo Alicerce.” (SANTOS K, 2020).

Karen frisa que para incentivar a participação de mulheres, mulheres negras, nas mais diversas instâncias da política, temos que pautar a totalidade na sua formação política. Temos que formá-las pra entenderem de macroeconomia, incentivar a leitura dos clássicos, exercitar o debate cotidiano de situação política, dividir tarefas de coordenação de ações e projetos. (2020). Laura Sito também tem grande histórico nos movimentos estudantis: presidiu o grêmio do Colégio Estadual Júlio de Castilhos em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul fazia parte do Diretório Central de Estudantes – DCE, e também atuou na diretoria de Direitos Humanos da União Nacional dos Estudantes – UNE e afirma:

“Sou uma militante feminista, anti racista, comecei a minha militância muito cedo, ainda quando tinha 13 anos de idade junto ao movimento social negro, lutando pela democratização do ensino superior, lutando pela política de cotas.” (SITO, 2020).

Bruna Rodrigues, em entrevista para Manuela d’Ávila contextualiza o que a fez se entender feminista:

“A maternidade me transformou, me fez feminista, me fez uma mulher negra consciente” (RODRIGUES, 2020)

A vice-líder do PCdoB na Câmara e integrante da bancada negra de Porto Alegre, pontua em muitas de suas entrevistas o fato da maternidade ter sido crucial para sua vida pessoal e início da vida política, pois foi através de luta para vaga na creche que Bruna se viu em um cenário onde precisava ter voz para esse tipo de situação. Em seu desenvolvimento dentro de movimentos sociais foi presidente da União das Associações de Moradores de PoA – UAMPA.

Hoje, sou vereadora de Porto Alegre. E ser uma preta, uma mulher a quem a sociedade impõe lugares pré-estabelecidos, ocupar a política é luta dobrada. Foram as minhas vivências e a luta coletiva que me fizeram chegar até o parlamento. As batalhas que travei eram necessárias para superação das dificuldades que enfrentava. (RODRIGUES, 20220).

Já sobre Daiana Santos, em seu site oficial ela destaca:

[...] me tornei Sanitarista e Educadora Social, trabalhando principalmente com mulheres em situação de violência e a população em situação de rua. Foram através delas que entendi a urgência de lutarmos por políticas públicas que melhorem a nossa vida. (SANTOS D, 2020).

A criadora do Fundo das Mulheres POA, que atende chefes de família em situação de vulnerabilidade social, iniciou a campanha para o Fundo em abril de 2020, sem nenhum vínculo com partido político e com a intenção de ajudar 100 mães solas e trabalhadoras da reciclagem, realizando uma vaquinha on-line que e em seguida pôde ver a iniciativa ajudando mais de 2.000 famílias.

“Não podemos falar de desigualdade social se não falarmos também de desigualdade racial, porque em definitivo é isso que vemos. Uma grande maioria de mulheres negras. É o perfil que a gente observa nos indicadores do IBGE, só que está ali, na nossa frente. A gente está falando de pessoas” (SANTOS D, 2020).

Quadro 3: Movimentos sociais x inserção na política.

Vereadora	Participação nos movimentos sociais.	Inserção na política.
------------------	---	------------------------------

Bruna Rodrigues	UAMPA (União das Associações de Moradores de PoA).	“Por meio da política comecei a construir o meu caminho enquanto militante e, hoje, estou como vereadora de Porto Alegre.”
Laura Sito	<ul style="list-style-type: none"> ● Presidenta do Grêmio do Julinho. ● Diretora de Direitos Humanos da UNE. 	Acompanhou durante o governo Dilma a criação da lei de cotas
Daiana Santos	<ul style="list-style-type: none"> ● Fundo das Mulheres POA. ● Abordagem da população em situação de rua. 	Por conta da profissão, sempre teve em contato com pessoas em vulnerabilidade social.
Karen Santos	<ul style="list-style-type: none"> ● DAEFi ● Negração ● Alicerce 	Escolhida pelo seu Coletivo Alicerce para representar nas urnas.

O quadro anterior mostra a importância da participação nos movimentos sociais, em dois casos de base comunitária e, em outros dois, estudantis. No processo dessa participação, vai se construindo a reflexão delas mesmas sobre o sua condição de mulheres negras e amplia-se a força do feminismo negro no seu discurso, contribuindo com os feitos dentro da política pública que exercem.

5.3. A experiência como vereadora mulher e negra: que elementos destacam? (Como se vivem as violências de raça e gênero).

A violência de gênero e a violência de raça são dois fatores que acabam habitando a vida da mulher negra, principalmente em uma sociedade que nos coloca na base da pirâmide e como as maiores vítimas de feminicídio. A pesquisa procura questionar como essas violências se desenvolvem para essas mulheres antes e durante a vida política.

De maneira geral, elas destacam como o racismo e o machismo ocupa o parlamentarismo, acentuando o fato desse ambiente ter sido – e ainda ser – dominado pelo conservadorismo.

Segundo Bruna Rodrigues, a Câmara de vereadores é um lugar hostil, justamente pelo motivo anterior. Conforme seu relato, os vereadores não a olhavam, não lhe direcionavam a palavra e não ouviam o que ela dizia:

“Eles falaram que estão acostumados a discutir com homens, mas eu sou mulher, fui eleita e represento o povo.” (RODRIGUES, 2021).

Bruna pontua que na ocupação do cargo político, o combate ao racismo toma conta, fazendo com que seja algo mais intenso do que a discussão de projetos. Ainda em entrevista para a Elástica, ao ser questionada se ainda continua sofrendo racismo, mesmo após ter sido eleita, sua resposta foi bastante esclarecedora:

[...] eu continuo acordando preta todos os dias. Não é possível desconsiderar o racismo, eu não vou de bolsa em nenhum lugar, por exemplo, porque é a certeza de ter uma perseguição mais efetiva. Isso é algo que não podemos naturalizar, mas ainda precisamos nos cuidar porque faz parte da nossa existência. Mesmo sendo vereadora, eu ainda sou uma mulher negra. Enquanto uma parcela luta por direitos, as pessoas negras ainda lutam por existir.” (RODRIGUES, 2021).

No início do ano de 2022, Daiana Santos foi alvo de diversos ataques de cunho racista, de gênero e lesbofóbicos, em seu mandato como vereadora deixando nítido em desabafo por vídeo postado em suas redes sociais que:

“Uma ameaça dessas covardes, que vem sendo recorrente a grupos e mulheres, negros e negras e LGBTQIAP+. Eu trago esse relato, já não aguento mais, o tempo todo, ficando indo à delegacia e tendo que me furtar no trabalho na rua. Por conta desse ato, eu tenho saído das agendas, a gente não tem segurança. Até então, a Câmara Municipal não apresenta nenhuma modificação que nos deixe tranquila para executar as tarefas aqui e, na rua, nem se fala.” (SANTOS D, 2022).

É visível que o mandato dessas mulheres é uma onda de lutas e batalhas incessantes, tanto para uma política pública de melhor qualidade, quanto no enfrentamento de situações racistas e misóginas. O peso da dinâmica política e das agressões e ataques pelo que elas são, demanda um esforço especial destas mulheres. Ao conversar com Bruna Rodrigues, indaguei sobre como fica o psicológico tendo que combater diversas violências diariamente e ela destaca:

“Acho que o fato da gente ter chegado de forma coletiva, pelo fato da gente ter enfrentado juntos, pelo fato da gente ter conseguido dar essa dimensão da possibilidade de uma bancada negra, foram todos movimentos muito positivos. Agora, eu passei por um processo essa eleição (2022), eu me dei conta, eu adoeci. Eu tô num processo de busca de ajuda, sabe? Tu és a primeira pessoa, inclusive, que eu confesso que eu me dei conta que adoeci.” (RODRIGUES, 2022).

Pontuei o fato de ser uma linha tênue entre ficar desmotivada com essas questões e sobre ter mais sede de luta e ela frisa:

“Acho que é um misto né?! Porque, assim, eu sou uma pessoa muito sensível. Todos nós, internamente, a gente de alguma forma tem convicção de que estamos do lado certo, individualmente tem sido difícil em algum momento.” (RODRIGUES, 2022).

Porém, é bem interessante pontuar que mesmo falando sobre essas questões, Bruna pareceu sempre bem positiva em relação a sua trajetória dentro da política, o que de fato se torna bastante comovente, poder entender que existe muito caminho a ser percorrido, que as lutas apenas começaram, que existe um cenário complicado, porém ao ver mulheres mudando de vida, meninas recebendo absorvente nas escolas, um povo em sua totalidade sendo representado, se torna uma força motora.

É como Bruna ressalta “eu acredito que a gente de alguma forma venceu, sabe?!” (2022). É possível compreender o porquê a ocupação desses espaços vem como algo que afronta a branquitude, pois há uma boa diferença entre o que nos era submetido em decorrência da escravatura, de uma sociedade que navega em um racismo estrutural e entre os lugares de poder que estamos ocupando hoje, podendo servir como inspiração uma para as outras. E não falo somente de cargos políticos, falo dos mínimos cargos onde a sociedade sempre condenou nossas presenças. Em 2021, um grupo antivacina invadiu a Câmara Municipal de Porto Alegre, carregando cartazes com suástica e agredindo os parlamentares. Especificamente as vereadoras negras. Em seu discurso no plenário, Laura desbafa:

“Fica nítida a composição desse movimento quando as pessoas, de forma muito nítida - e temos gravações -, são racistas com as vereadoras negras desta Casa. A vereadora Bruna foi chamada de empregada e nós fomos chamadas de lixo. A vereadora Daiana também estava aqui. Enquanto uma das manifestantes dizia na nossa cara ‘eu sou linda e eu sou loira. E tu é um lixo’” (SITO, 2021)

Em entrevista a vereadora enfatiza que:

“A razão de ainda termos poucos negros na política é o nosso racismo estrutural. A minha avó que fez 82 anos na semana passada, até o início da vida escolar dela as escolas públicas podiam recusar a presença de negros em suas dependências. Isso significa duas gerações atrás. É tudo muito recente” (SITO, 2020).

Ao falar sobre o racismo, como ele se molda no Estado, contribuindo para o cenário conservador e preconceituoso na Câmara Municipal de Porto Alegre, Karen Santos destaca:

“O passado histórico de racismo e opressão permanece vivo, não só no hino racista de nosso Estado, mas também se refletindo na estrutura de poder da Câmara de Vereadores em pleno 2021. A polêmica aqui debatida se iniciou na mesma sessão em que todos os vereadores negros eleitos com votações expressivas foram excluídos dos espaços de poder do parlamento de Porto Alegre. Nenhum negro na Mesa Diretora. Nenhuma negra presidindo comissões” (SANTO K, 2021).

Karen teve contato com o racismo dentro da Câmara Municipal de Porto Alegre antes mesmo das eleições de 2020, ainda como vereadora suplente em seu primeiro dia de mandato, o ano era 2017. O vereador Valter Nagelstein, base do governo Marchezan (PSDB), fez comentários racistas sobre as roupas de Karen, que usava uma camiseta com estampa do ativista americano Malcom X, um dos maiores líderes da luta contra o racismo e cortou o microfone que ela utilizava durante sua fala.

É necessário ressaltar que nem sempre esses ataques racistas são noticiados, ao entrevistar Bruna, ela abre o jogo:

“Tem muitas ameaças que a gente não publica, desde homens dizendo que iam jogar Coquetel Molotov nos nossos gabinetes, pessoas que diziam que iam largar cada parte de mim em cada entrada de vila, que eu gostava de defender bandido e vileiro. As ameaças elas são muitas, agora na eleição (2022) foram diversas, inclusive, nós não tornamos público, pois não queríamos que a nossa galera ficasse com medo.” (RODRIGUES, 2022).

Rodrigues fala tanto do medo de votar, quanto do medo do povo querer ocupar esses espaços políticos, dessa forma conseguimos entender que há casos de violência que ocorrem com essas mulheres que acabam não se tornando público para que as pessoas representadas não se sintam com medo de seguir na luta.

5.4. Perspectivas: mudanças institucionais.

O primeiro marco do mandato como vereadoras foi a criação da primeira bancada negra da cidade, constituída por Karen Santos (PSOL), Bruna Rodrigues (PCdoB), Daiana Santos (PCdoB), Reginete Bispo (PT) e Matheus Gomes (PSOL), teve sua primeira reunião em 2021, onde foi decidido os principais núcleos de articulação: saúde, educação e proteção à mulher. Juntamente com o propósito de articular política e ações antirracistas. Porém, o que seria questionável é se essa frente ainda se mantém, tendo em vista que dois anos é pouco para o tanto de mudança que a política pública precisa sofrer em relação às minorias e nas eleições de 2022 houve o câmbio para deputadas estaduais/federais. É necessário indagar se quem ficou ainda permanece gerenciando essa construção tão importante para a representatividade e política de Porto Alegre. Nos limites do que foi analisado não foi possível chegar a uma conclusão. A chegada de representações negras na política da cidade – em um número relativamente maior do que estávamos acostumados – há quase três anos atrás seria apenas o início dessa mudança de cenário, o que se confirma nas eleições de 2022, onde essas mulheres seguem na batalha que possibilitam mudanças para a sociedade atual e do futuro.

“É assim que vamos ter a certeza de que essa construção real de espaços não será passageira, não só pela eleição desses cinco vereadores negros que já estão na história dessa cidade, mas que poderemos construir o ganho de consciência e o protagonismo do nosso povo preto, algo que vai seguir mobilizando e reverberando por anos.”
(SANTOS D, 2020).

Durante o mandato como vereadoras, foram realizados projetos com base no que pregaram desde o início, visando melhores condições para a vida da mulher negra da capital e melhor desenvolvimento dentro da sociedade. Laura Sito, por exemplo, além de ser a vereadora mais jovem e a primeira mulher negra que integra a mesa diretora da Câmara Municipal de Porto Alegre (CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2021), é autora da Lei que obriga o município a garantir salas de aleitamento materno e lutadora da humanização do parto. Bruna Rodrigues que procurou sempre ser transparente referente sua luta a vaga na creche, a partir do momento em que se viu mãe, em seu mandato firmou parceria com a defensoria pública referente a essa questão. Foi realizado um levantamento sobre as crianças que não estavam matriculada em instituição de ensino e foram encaminhadas para que essa matrícula acontecesse. É interessante analisar esses feitos vindo das duas e perceber que se assemelha às suas vivências, pois ambas são mães.

“Tem um momento da militância que a gente percebe que só ocupando os espaços de poder conseguimos construir projetos e mudar a política. É preciso se organizar e resistir porque as pessoas que estão lá quase nunca precisaram acessar políticas públicas.” (RODRIGUES, 2021).

Essas mulheres procurar trazer visibilidade às minorias que por muito tempo não foram vistas pelas políticas sociais, sendo deixadas à beira da marginalidade e Daiana reforça:

“A gente tem que fazer o movimento que traga a periferia para o centro da prioridade. Só assim a gente vai mudar essa conjuntura que é extremamente desfavorável” (SANTOS D, 2022).

Karen Santos acentua sua luta contra a discriminação racial e o genocídio da juventude negra, contra o machismo e em defesa da igualdade entre homens e mulheres, em defesa dos direitos da população – sobretudo do trabalho digno, da educação e da saúde públicas e de qualidade e da moradia (2020).

[...]as mulheres estão na linha de frente de greves e mobilizações desde 2013, percebo que nas ocupações das escolas houve lideranças femininas sendo perseguidas e criminalizadas, nas greves do funcionalismo público também. O março feminista desde então vem pautando um caráter de classe articulado com os problemas atuais e históricos que enfrentamos.” (SANTOS K, 2020).

O que se percebe ao analisar as parlamentares e seus relatos, é o quanto as mulheres negras sentiram a necessidade de assumir essas lideranças e estar à frente desses movimentos, pois foram colocadas na marginalidade durante muito tempo sem direito de ter voz.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou responder a pergunta sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelas mulheres negras eleitas para vereança na Câmara Municipal de Porto Alegre no ano de 2020 e de que forma o racismo e a violência de gênero e raça se manifestam nesse contexto. Apesar das dificuldades enfrentadas, foi um processo de muito aprendizado e, enquanto mulher negra e estudante do curso de Administração Pública e Social, posso dizer que me permitiu analisar e compreender o quanto é significativo e importante nos colocarmos como lideranças

na medida em que nos mantemos firmes na luta por uma sociedade mais igualitária. A revisão bibliográfica permitiu situar a sub-representação das mulheres negras a partir de uma compreensão mais ampla, que é dada pelas contribuições de autoras-chaves do feminismo negro e que nos permite sair de um senso comum e adentrar em um contexto de como essas realidades funcionam, qual o impacto para a sociedade ao que se refere às suas movimentações, qual a importância da pluralidade quando nos referimos às políticas públicas. Em trabalhos futuros que se pretende realizar dentro do tema, o objetivo será trazer uma metodologia com base na análise de conteúdo, com a intenção de realizar entrevistas e desenvolver essas informações e pautas com maior profundidade e clareza, também originalidade.

A análise dos diversos materiais e entrevistas possibilitou o surgimento de algumas reflexões sobre as trajetórias dessas mulheres e a importância de sua eleição tanto em termos individuais como coletivos. Uma primeira reflexão tem a ver com o capítulo anterior, com relação às semelhanças encontradas em cada uma das mulheres analisadas, como o fato de virem de lugares com características semelhantes, de terem experiências em comum como mulheres negras, como o racismo, misoginia, serem oriundas de famílias humildes. Fica claro o quanto elas baseiam sua atuação a partir de suas vivências, permitindo que pessoas que antes se sentiam invisibilizadas, hoje se sintam representadas. Também não se pode deixar de notar que todas são filhas da política de cotas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e fazendo uma conclusão rápida pode-se afirmar que isso contribuiu de forma intensa para a atuação dessas mulheres na política, na medida em que se encontraram tendo que lutar por um ensino público de qualidade e inclusivo. Elas explanam o descontentamento com a sociedade misógina e racista e a partir disso emitem informações que atingem não só o público que maior se identifica, como as mulheres negras, mas também os homens negros que identificam o fato de também estarem inseridos em pautas que remetem ao racismo e que precisam se conscientizar em pautas referente ao machismo, e simpatizantes que passam a olhar para si como pessoas brancas que podem e devem contribuir para o combate dessas violências, portanto é necessário que se atinja o maior número de grupos sociais possível, para que se haja em conjunto na construção de uma sociedade mais igualitária. Em outras palavras, ter essas representações é uma das chaves para mudanças de um cenário segregado. Outro ponto, é o fato dessas representações terem vindo em peso em um cenário de muitas mudanças sociais, de novas adaptações para a sociedade, como a trágica pandemia do Covid-19 e a intensificação de debates racistas emanados por todo o globo, como por exemplo, o movimento Black Lives Matter nos Estados Unidos, com seus protestos antirracistas. Tudo contribuiu para que as

pessoas questionassem mais a sociedade em que vivem, o que resulta no fato de estarmos nessa onda de resignificação.

Apesar de, além das quatro vereadoras, ter resultado também eleito um vereador negro, o que é importante do ponto de vista da questão racial, contribuindo fortemente para a representação e liderança, nosso trabalho é centrado nas mulheres negras, que, não só na cidade de Porto Alegre-RS, sempre estiveram em maior escassez em todos os cargos políticos – e outros tipos de ocupações – e são atravessadas, além da sua condição racial, por sua condição de mulher, com todas as implicações que os estudos da interseccionalidade nos permitem entender. Então poder analisar o protagonismo dessas mulheres ao ocupar espaços e influenciar outras mulheres que em muitos pontos não se sentiam capazes de mudar sua própria realidade acaba se sobressaindo, ao mesmo tempo em que se analisa como a política recebe essas mudanças dentro de um espaço dominado pelo tão pregado conservadorismo. Essas movimentações e mudanças foram concebidas de maneiras nem um pouco agradáveis pelo poder existente, como xingamentos referentes à origem das parlamentares, como o racismo e a misoginia que não são novidades. Mas ao ver o enfrentamento dessas diversas violências por parte dessas representações e mostrar que as mulheres negras não irão mais aceitar estar na base, dentro de condições que não as veem e nem as beneficiam serve de influência para aquelas/aqueles que também urgem por mudanças, pois por mais que as propostas dessas mulheres fossem voltada em peso para as causas antirracistas, também há propostas referente a maternidade, ao combate à fome, melhores condições dos transportes públicos, de trabalhos e isso atinge à todos.

É como especificado na letra de Tupac Shakur, “[...]eu não vejo mudanças, tudo que eu vejo são rostos racistas[...]estamos por baixo, eu me pergunto o que é preciso para tornar este lugar um lugar melhor[...]”⁶ É possível concluir que essas representações coletivas surgem como uma esperança para aqueles que são englobados nos moldes de uma sociedade desigual, possibilitando que haja mudanças em todas as esferas começando a desenvolver a igualdade que costumávamos ouvir por aí que sempre houve, principalmente com a frase “somos todos iguais.”

7. REFERÊNCIAS

⁶ Tupac feat Talent – Changes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eXvBjCO19QY>> Acesso: 29/03/2023

ALTMAN, Breno. Entrevista com Erika Hilton e Laura Sito. Opera Mundi, 2020. 1 vídeo (01:06:30). Disponível em: <Entrevista com Erika Hilton e Laura Sito - Bing video> Acesso em: 19 de março de 2023.

AH TRI CULTURAL. #AhTriEntrevistaCandidates Laura Sito [PT], 2020. Disponível em: <#AhTriEntrevistaCandidates Laura Sito [PT] | by Ah Tri Cultural | Medium> Acesso em: 17 de março de 2023.

BHAZ. Vereadora chamada de “empregada” por manifestante denuncia racismo, 2021. Disponível em: < Vereadora chamada de “empregada” por manifestante denuncia racismo | Metrôpoles (metropoles.com)> Acesso em: 29 de novembro de 2022.

BOND, Letycia. Negras são 28% dos brasileiros, mas têm baixa participação política, 2020. Disponível em <Negras são 28% dos brasileiros, mas tem baixa participação política | Agência Brasil (ebc.com.br)> Acesso em: 21 de março de 2022.

BRAGON, Ranier; MARCHESINI, Lucas. Negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais. Folhapress, 2023. Disponível em: < Negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais - Cidades em Foco> Acesso em: 20 de março de 2023.

BRANDALISE, Camile. Mulheres negras na política: "Verba vai primeiro para loiras de olho azul.", 2020 Disponível em < Mulheres negras na política: "Verba vai primeiro para loiras de olho azul" - 21/07/2020 - UOL Universa > Acesso em: 21 de março de 2022.

BRASIL. COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS. Presidência da CDHM demanda investigação de ameaças contra vereadoras negras de Porto Alegre, 2021. Disponível em < Presidência da CDHM demanda investigação de ameaças contra vereadoras negras de Porto Alegre — Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR RESOLUÇÃO Nº 1, DE 13 DE JANEIRO DE 2014. Disponível em < Portal Atos Normativas - Uma plataforma de buscas sobre portarias, resoluções e decretos dos conselhos de educação (mec.gov.br) > Acesso em: 7 de abril de 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Karen Santos (PSOL). S.D. Disponível em: <Câmara Municipal de Porto Alegre (camarapoa.rs.gov.br)>

Acesso em 25 de fevereiro de 2023

CAROLINE, Kamylla; CLARA, Ana. Eleições 2020: Mulheres negras enfrentam o racismo e avançam na ocupação da política, 2020. Elas por Elas. Disponível em < Eleições 2020:

Mulheres negras enfrentam o racismo e avançam na ocupação da política | Partido dos Trabalhadores (pt.org.br) > Acesso em: 25 de março de 2022. CLARA, Ana. Mulheres negras | Grande presença na sociedade, baixa representatividade na política, 2020. Elas por Elas. Disponível em < Mulheres negras | Grande presença na sociedade, baixa representatividade na política | Partido dos Trabalhadores (pt.org.br) > Acesso em: 25 de março de 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, 2016. Disponível em <(PDF) Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro (researchgate.net)> Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

CORREIO DO POVO. Eleição coloca mais mulheres e negros na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, 2020. Disponível em: <Eleição coloca mais mulheres e negros na Câmara de Vereadores de Porto Alegre (correiodopovo.com.br)> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

COSTA, Ana Clara Gomes. Mulheres negras em busca de metodologias para a descolonização do feminismo, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52835>> Acesso em: 10 de março de 2023.

CRENSHAW, Kimberle. “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas.” 1989. Disponível em < “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não brancas” de Kimberle Crenshaw—Parte 1/4 (geledes.org.br)> Acesso em: 28 de novembro de 2022.

DA SILVA, Vanessa Rodrigues. “POR DIFERENTES CAMINHOS CHEGAMOS AO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS”: TRAJETÓRIAS DE ATIVISTAS NEGRAS DA DÉCADA DE 1980 NO RIO GRANDE DO SUL. 2018. Disponível em: < "Por diferentes caminhos chegamos ao movimento de mulheres negras" : trajetórias de ativistas negras da década de 1980 no Rio Grande do Sul (ufrgs.br)> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

DA REDAÇÃO. Daiana Santos assume como primeira deputada federal negra do RS, 20230. PCdoB65. Disponível em: <Daiana Santos assume como primeira deputada federal negra do RS - PCdoB> Acesso em: 25 de março de 2023.

DA SILVA, Hernani Francisco. 13 mulheres negras brasileiras de destaque na política. Geledés, 2013. Disponível em < 13 mulheres negras brasileiras de destaque na política (geledes.org.br) > Acesso em: 21 de março de 2022.

DE ALMEIDA, Jessica Telles; MACHADO, Raquel Cavalcanti Ramos. Gênero, Raça e Participação Política da Mulher Negra: da Visibilização à Inclusão, 2021. Disponível em < Vista do Gênero, Raça e Participação Política da Mulher Negra: Da Visibilização à Inclusão (idp.edu.br)> Acesso em: 28 de abril de 2022.

DE ASSIS, Dayane N. Conceição. Interseccionalidades, 2019. Disponível em: <[eBook - Interseccionalidades.pdf \(ufba.br\)](#)> Acesso em 21 de fevereiro de 2023. DO KAMUGERE. As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis, 2011. Disponível em < As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis (geledes.org.br)> Acesso em: 11 de abril de 2022.

EFRAIM, Anita. Manifestante antivacina chama vereadoras negras de “empregada” e “lixo” em Porto Alegre, 2021. Disponível em < Manifestante antivacina chama vereadoras negras de “empregada” e “lixo” em Porto Alegre (yahoo.com) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

ESTADÃO. Bruna Rodrigues, 2023. Disponível em: <Candidata Bruna Rodrigues | Eleições 2022 - Estadão (estadao.com.br)> Acesso em: 20 de março de 2023.

ESTADÃO. Daiana Santos, 2022. Disponível em: <Candidata Daiana Santos | Eleições 2022 - Estadão (estadao.com.br)> Acesso em: 20 de março de 2023.

ESTADÃO. Karen Santos, 2022. Disponível em: <Candidata Karen Santos | Eleições 2022 - Estadão (estadao.com.br)> Acesso em: 15 de março de 2023.

ESTADÃO. Laura Sito, 2022. Disponível em: <Candidata Laura Sito | Eleições 2022 - Estadão (estadao.com.br)> Acesso em: 15 de março de 2023.

ESTAMOS PRONTAS. Laura Sito: Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <LAURA SITO - Estamos Prontas - Mulheres Negras na Política> Acesso em: 14 de março de 2023.

FERREIRA, Leticia. Mulheres negras hackeiam a política, 2020. Disponível em < Mulheres negras hackeiam a política - 23/07/2020 - UOL Universa > Acesso em: 21 de março de 2022.

FERREIRA, Lola. Mulheres negras são alvos de violência política em ano eleitoral e buscam soluções para ataques cada vez mais sofisticados, 2020. Disponível em < Mulheres negras são alvos de violência política em ano eleitoral e buscam soluções para ataques cada vez mais sofisticados - Gênero e Número (generonumero.media) > Acesso em: 21 de março de 2022.

FOGLIATTO, Débora. Inspiradas por Marielle, 48 mulheres negras concorrem no Rio Grande do Sul, SUL 21, 2018. Disponível em: < Inspiradas por Marielle, 48 mulheres negras concorrem no Rio Grande do Sul - Brasil 247> Acesso em: 09 de março de 2023.

FÓRUM. 8M: Brasil é 140º país em representação feminina no Legislativo, 2020. Disponível em: <8M: Brasil é 140º país em representação feminina no Legislativo | Revista Fórum (revistaforum.com.br)> Acesso em: 05 de janeiro de 2023. GONZÁLES, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos, 2020. Disponível em: < SciELO - Brasil - GONZALEZ, Lélia. 2020. <i>Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos</i>. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp. GONZALEZ, Lélia. 2020. <i>Por um Feminismo Afro-Latino Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos</i>. Rio

Janeiro: Zahar. 375 pp.> Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

HAJE, Lara. Mulheres representam 16% dos vereadores eleitos no País, 2020. Disponível em < Mulheres representam 16% dos vereadores eleitos no País - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br)> Acesso em: 21 de março de 2022.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista, 2015. Disponível em: < Vista do Mulheres negras: moldando a teoria feminista (unb.br)> Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

iG Delas. Mais mulheres negras na política: conheça oito vereadoras recém eleitas, 2020. Disponível em < Mais mulheres negras na política: conheça oito vereadoras recém eleitas | Comportamento | iG > Acesso em: 11 de abril de 2022.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO, MULHERES NEGRAS DECIDEM. Mulheres Negras decidem para onde vamos, 2020. Disponível em: <Para onde vamos> Acesso em: 21 de março de 2022.

KAREN ALICERCE. Quem é Karen Santos? Disponível em: <Quem é Karen Santos? - Karen Santos (karenalicerce.com.br)> Acesso em: 18 de fevereiro de 2023.

LOBREGATTE, Priscila. Daiana Santos: nossa vitória significa resistência, luta e esperança, 2022. Vermelho. Disponível em: <Daiana Santos: nossa vitória significa resistência, luta e esperança - Vermelho> Acesso em: 22 de março de 2023.

LOBREGATTE, Priscila. Daiana Santos, vereadora do PCdoB, denuncia novas ameaças de morte, 2022. Vermelho. Disponível em: <Daiana Santos, vereadora do PCdoB, denuncia novas ameaças de morte - PCdoB> Acesso em: 20 de março de 2023.

LOURENÇO, Beatriz. Bruna Rodrigues, vereadora do PCdoB em Porto Alegre, fala sobre racismo, militância e próximas eleições, 2021. Disponível em < “Passo mais tempo combatendo o racismo do que discutindo projetos” | Elástica – Todos do mesmo lado (abril.com.br) > Acesso em: 15 de março de 2022.

MARCHESINI, Lucas; BRAGON, Ranier. Negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais, 2023. Disponível em <Negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais - Juiz de Fora/MG (acessa.com)> Acesso em: 22 de março de 2023.

MARX, Vanessa, SOARES, Paulo. Por uma Porto Alegre para as mulheres e antirracista, 2020. Disponível em < Por uma Porto Alegre para as mulheres e antirracista - Matinal Jornalismo > Acesso em: 21 de março de 2022.

MENDES, Leticia. Vereadores negros de Porto Alegre recebem ameaça de morte por e mail e caso é apurado pela polícia, 2021. Disponível em < Vereadores negros de Porto Alegre recebem ameaça de morte por e-mail e caso é apurado pela polícia - Polícia (clicrbs.com.br) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

MÍDIA NINJA. Daiana Santos, primeira vereadora lésbica em Porto Alegre, disputa vaga no Congresso Nacional, 2022. Disponível em: <Daiana Santos, primeira vereadora lésbica em Porto Alegre, disputa vaga no Congresso Nacional (midianinja.org)> Acesso em: 14 de março de 2023.

MINAYO, M>C. e Guerriero, I. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n4/1103-1112/pt/>> Acesso em: 02 de março de 2023.

NUNES, Tote. Hora Campinas. Vereadora negra é vítima de racismo em sessão da Câmara de Campinas, 2021. Disponível em < Vereadora negra é vítima de racismo em sessão da Câmara de Campinas – Hora Campinas> Acesso em: 21 de abril de 2022.

OXFAM BRASIL. A participação de mulheres negras na política importa! Entenda os motivos, 2020. Disponível em < A participação de mulheres negras na política importa! Entenda os motivos | Oxfam Brasil > Acesso em: 21 de março de 2022. PCdoB. Feminismo É com Bruna Rodrigues, 2020. 1 vídeo (22:43 min). Disponível em: <(58) #05 Feminismo É com Bruna Rodrigues - YouTube> Acesso em: 12 de março de 2023.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal de Porto Alegre. Câmara conta sua história. Disponível em < Câmara Municipal de Porto Alegre (camarapoa.rs.gov.br) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

REDAÇÃO RIO GRANDE DO SUL. Repúdio ao racismo contra Karen Santos, vereadora do PSOL em Porto Alegre!, 2017. Disponível em: <Repúdio ao racismo contra Karen Santos, vereadora do PSOL em Porto Alegre! (esquerdadiario.com.br)> Acesso em: 20 de março de 2023.

REINHOLZ, Fabiana. Bancada Negra formaliza a Frente Parlamentar Antirracista em Porto Alegre, Brasil de Fato RS, 2021. Disponível em < Bancada Negra formaliza a Frente Parlamentar Antirracista | Política (brasildefators.com.br) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

REINHOLZ, Fabiana; MARKO, Katia. Karen Santos: “O papel da mulher negra na sociedade e na política é um dever.”. Brasil de Fato RS. 2020. Disponível em: < Karen Santos: “O papel da mulher negra na sociedade e na | Política (brasildefators.com.br)> Acesso em 18 de março de 2023.

REINHOLZ, Fabiana. Para vereadores negros em Porto Alegre, eleição foi um grito travado na garganta, Brasil de Fato RS, 2020. Disponível em: Para vereadores negros em Porto Alegre, eleição foi um | Política (brasildefatorj.com.br) Acesso em: 21 de março de 2022.

SANTOS, Daiana; SANTOS, Karen. Vereadoras da bancada negra de Porto Alegre são ameaçadas de morte, 2021. Disponível em: <Vereadoras da bancada negra de Porto Alegre são

ameaçadas de morte - Vermelho> Acesso em: 03 de janeiro de 2023.

SANTOS, Steffane Pereira. A sub-representação das mulheres negras no Brasil: quem representa a base da pirâmide social? Revista Três Pontos, 2021. Disponível em < A sub representação das mulheres negras no Brasil: | Revista Três Pontos (ufmg.br) > Acesso em: 05 de maio de 2022.

SCHEFFEL, Noah. Motivada pela volta da fome, Daiana Santos lidera coletivo da periferia para a periferia, em Porto Alegre. Ecoa, 2021. Disponível em: <Volta da fome no Brasil foi estopim para Daiana Santos liderar projeto (uol.com.br)> Acesso em: 20 de março de 2023.

SCHWARCZ, Lilli. Lili entrevista | Silvio Almeida, 2020. 1 vídeo (16:44 min). Disponível em: < (58) Lili entrevista | Silvio Almeida - YouTube> Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

SIMÕES, Flávia. Laura Sito torna-se a primeira mulher negra a presidir sessão na Câmara de Porto Alegre, 2021. Disponível em: < Laura Sito torna-se a primeira mulher negra a presidir sessão na Câmara de Porto Alegre (correiodopovo.com.br)> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

SOUZA, Renata. Quem é Renata Souza, 2020. Disponível em < Quem é Renata Souza - Renata Souza (renatasouzapsol.com.br) > Acesso em: 21 de março de 2022.

SUL21. “Várias Marielles estão surgindo”: mulheres negras buscam conquistar espaço no Legislativo, 2018. Disponível em: < ‘Várias Marielles estão surgindo’: mulheres negras buscam conquistar espaço no Legislativo - Sul 21> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

TERRA. Mulheres negras e o duplo preconceito na política, 2022. Disponível em: Mulheres negras e o duplo preconceito na política (terra.com.br) > Acesso em: 21 de março de 2022.

TRAJETÓRIAS 622. Daiana Santos, 2021. 1 vídeo (24:39 min). Disponível em: < (58) Trajetórias 622 (09/06/2021) - Daiana Santos - YouTube > Acesso em: 03 de março de 2023.

TREVISOL, Nicole. UFRGS é protagonista nacional em pesquisas sobre estudos de gênero, Jornal da Universidade, 2022. Disponível em < UFRGS é protagonista nacional em pesquisas sobre estudos de gênero – Ciência > Acesso em: 7 de abril de 2022.

UFRGS. Sanitaristas em ação. A Saúde Coletiva e o cuidado no enfrentamento da pandemia de COVID-19, 2020. Disponível em: <Sanitaristas em ação (ufrgs.br)> Acesso em: 20 de março de 2023.

UNIVERSA UOL. Atlas da Violência 2021: 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras, 2021. Disponível em: <Atlas da Violência 2021: 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras - Mulheres Socialistas> Acesso em: 10 de abril de 2022.

UOL Eleições. Alvorada (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas, 2020. Disponível em < Alvorada (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores

bancadas - 15/11/2020 - UOL Eleições> Acesso em: 21 de abril de 2022.

UOL Eleições. Cachoeirinha (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas, 2020. Disponível em <Cachoeirinha (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas - 15/11/2020 - UOL Eleições > Acesso em: Acesso em: 21 de abril de 2022.

UOL Eleições. Gravataí (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas, 2020 Disponível em <Gravataí (RS): veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas - 15/11/2020 - UOL Eleições > Acesso em: Acesso em: 21 de abril de 2022.

UOL Eleições. Viamão (RS): Veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas, 2020. Disponível em < Viamão (RS): Veja quais foram os vereadores eleitos e maiores bancadas - 15/11/2020 - UOL Eleições> Acesso em: Acesso em: 21 de abril de 2022.

VELLEDA, Luciano. Câmara de Porto Alegre terá 30% de mulheres e cinco parlamentares negros, 2020. Disponível em < Câmara de Porto Alegre terá 30% de mulheres e cinco parlamentares negros - UGEIRM - Sindicato dos Agentes da Polícia Civil do RS - Fone (51) 3225.1707 (ugeirmsindicato.com.br) > Acesso em: 7 de abril de 2022.

VIAMÃO. Câmara Municipal de Viamão. Vereadoras que compõem o mandato coletivo Teremos Vez, 2017. Disponível em < Fátima Maria (PT) | Câmara de Vereadores de Viamão (camaraviamao.rs.gov.br)> Acesso em: 21 de abril de

VILAR, Caroline. A luta pela sobrevivência: o desafio de ser mulher negra no Brasil, 2018. Disponível em < A luta pela sobrevivência: o desafio de ser mulher negra no Brasil | Juntas! (coletivojuntas.com.br) > Acesso em: 11 de abril de 2022.

Voz da Resistência. Vereadoras negras são alvo de ofensas racistas na Câmara de Belém, 2022. Disponível em <Vereadoras negras são alvo de ofensas racistas na Câmara de Belém (vozdaresistencia.com.br)> Acesso em: 21 de abril de 2022.

YOUNG, Iris Mirion. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, IDENTIDADE E MINORIAS, 2006. Disponível em: < 06026-AF4.indd (scielo.br)> Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE 1 – IMAGENS/ FOTOS⁷**Primeira bancada negra de Porto Alegre – 2020**

Seleção de imagens dos cinco vereadores.



⁷ Fonte: Imagens disponíveis no site do PSOL na Câmara, Gaúcha ZH e Mídia Ninja.

Bruna Rodrigues⁸

Bruna Rodrigues na Câmara Municipal de Porto Alegre e em suas ações para o Natal da Cruzeiro que beneficia crianças e suas famílias e o Levante Materno, que orienta as mulheres entre o Parto, o Nascimento e a Amamentação.



⁸ Fonte: Site Oficial da Bruna Rodrigues e Câmara Municipal de Porto Alegre.

Daiana Santos⁹

Seleção de imagens de Daiana na Câmara Municipal de Porto Alegre, onde também segura a suástica levada pela extrema direita em protesto violento.



⁹Fonte: Fotos encontradas do site da Câmara Municipal de Porto Alegre e PCdoB.

Karen Santos¹⁰

Seleção de imagens de Karen Santos na Câmara Municipal de Porto Alegre e em ações nas ruas.



¹⁰ Fonte: Fotos disponíveis no site oficial de Karen Santos e no site do Brasil de fato RS.

Laura Sito¹¹

Seleção de imagens de Laura Sito na Câmara Municipal de Porto Alegre e em suas ações no exercício do mandato.



¹¹ Fonte: fotos disponíveis no site da Câmara Municipal de Porto Alegre e Brasil de Fato RS.